



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**GEISE MARI SANTOS OLIVEIRA**

**QUILOMBO.DOC: A LEI 10.639 NOS PROCESSOS DE AUTO-  
AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE QUILOMBOLA EM SÃO BRAZ/  
SANTO AMARO - BAHIA**

**Salvador**

**2011**

**GEISE MARI SANTOS OLIVEIRA**

**QUILOMBO.DOC: A LEI 10.639 NOS PROCESSOS DE AUTO-  
AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE QUILOMBOLA EM SÃO BRAZ/  
SANTO AMARO - BAHIA**

Memorial apresentado ao Curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, em 2011.2. Para fins de obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador

2011

À Comunidade de São Braz,  
à Casa do Samba de Santo Amaro,  
ao Instituto Cultural Steve Biko,  
e aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Eu, Geise Oliveira, agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a glória de mostrar o caminho o qual eu deveria percorrer. Aos meus pais, meu porto seguro, pelos puxões de orelha, amor, zelo e força em toda minha caminhada. Às minhas tias e primos, agradeço pelo exemplo de união, força e amor. Ao Instituto Cultural Steve Biko, pelos ensinamentos, por me mostrar o “valor que o negro tem”, pelo apoio no ingresso à Universidade e por me tornar uma Bikuda. Ao CULT, em especial a Albino Rubim, Linda Rubim, Leonardo Costa, Sophia Rocha, Viviane Freitas, Taiane Fernandes e Laura Bezerra, agradeço muito pela oportunidade de me fazer crescer academicamente. Ao CRIA, por ter me concebido a oportunidade de me colocar e perceber de fato o que eu gosto de fazer e onde eu quero estar: com o meu Povo! Aos meus educadores de longas datas, professoras da Escola Tia Fátima que estão comigo desde os primeiros passos na escola, Nelson Maca, por me fazer enxergar a importância da Produção Cultural para o povo negro nesta cidade, José Roberto Severino, o maior inspirador e responsável por ele, sem os teus ensinamentos e palavras este não teria seguido adiante. Aos queridos amigos, agradeço pelo apoio, carinho e atenção, pelas broncas, brigas e guerras, pelos risos, palhaçadas e apelidos! Aos meus colegas faconianos, é um grande prazer saber que posso contar com vocês nessa jornada profissional. Juntos na saúde e na doença, na alegria e na tristeza!

## RESUMO

Santo Amaro, localizada no Recôncavo baiano, sedia muitas Comunidades Remanescentes de Quilombo. Dentre elas encontra-se São Braz, titulada pela Fundação Palmares em junho de 2009. A comunidade, que vive da extração de peixes e frutas, passa pelo problema da auto afirmação de identidade por não ter conhecimento do que significa o Quilombo. Este trabalho teve como objetivo entender o processo de reconhecimento da comunidade enquanto Remanescente Quilombola através da produção de um vídeo documentário, com duração de 25 minutos. Dividido em três blocos, Quilombo. Doc conta a história de São Braz, a discussão sobre o Quilombo de São Braz e a solução para afirmação de identidade negra, esta dada pela execução da Lei 10.639 através da disciplina Cidadania e Consciência Negra (CCN), criada pelo Instituto Cultural Steve Biko, localizado em Salvador.

**Palavras – Chave:** Quilombo, Políticas Afirmativas, Cidadania e Consciência Negra

## **ABSTRACT**

Santo Amaro, Bahia Recôncavo located in, hosts many remnants of Quilombo Communities. Among them is St. Braz, titrated by the Palmares Foundation in June 2009. The community that lives off the extraction of fish and fruit, is the problem of self-affirmation of identity not be aware of what it means Palmares. This study aimed to understand the process of recognition of the community as afro-descendants by producing a documentary video, which lasts 25 minutes. Divided into three blocks, Quilombo. Doc tells the story of St. Braz, the discussion of the Quilombo São Braz and the solution to black identity assertion, given that the implementation of Law 10,639 through discipline Citizenship and Black Consciousness (CCN), created by Steve Biko Cultural Institute, located in Salvador.

**Keywords:** Quilombo, Policy Statements, Citizenship and Black Consciousness

## SUMÁRIO

1.	<i>QUILOMBO. DOC</i> .....	09
2.	<i>A FONTE INSPIRADORA</i> .....	15
3.	<i>CCN: CIDADANIA E CONSCIÊNCIA NEGRA</i> .....	16
4.	<i>UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL: A LEI 10.639</i> .....	17
5.	<i>PRÉ- PRODUÇÃO</i> .....	19
6.	<i>PRODUÇÃO</i> .....	23
7.	<i>PÓS-PRODUÇÃO</i> .....	55
8.	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	58
9.	<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> .....	60
10.	<i>APÊNDICE</i> .....	63

## 1. O QUILOMBO.DOC

Na Constituição de 1988, foram implantadas as primeiras políticas voltadas para as Comunidades Remanescentes de Quilombo e a partir daí grupos de militância negra e luta por direitos se multiplicaram. A fiscalização e a execução dessas políticas são monitoradas pelos órgãos competentes e pela sociedade civil organizada. Entretanto o processo de afirmação dos moradores destas comunidades, passa pela formação da consciência política do que é “Ser Negro” no mundo atual e da importância do legado cultural e histórico que estas carregam consigo. De todo modo a falta de valorização, e muitas vezes de conhecimento, desses povos do termo Quilombo, leva a não afirmação e baixa estima, já que esta palavra ainda é carregada de negativismo e criminalização. Sabe-se que durante muito tempo foi praticada uma ação de exclusão e inferiorização do que é ser negro e do que era ser escravo. Escolas, Imprensa, Legado Cultural transmitido através de fontes oficiais construídas pelo “outro”, que era predominantemente branco, pregaram a falta de valorização da herança africana.

A Lei 10.639, criada em 2009 para a consolidação do Ensino da História da África e Indígena como disciplina nas Escolas Públicas e Particulares, ainda está em discussão por diversas causas que influenciam na sua execução: formação e preparação dos professores, aplicação exata nas salas de aula, material didático compatível e consciência política da sociedade. Como se ouve nas ruas e instituições, principalmente a partir da representação de entidades de militância negra, esta lei foi promulgada enquanto Política de Reparação, devido à falta do estudo e conhecimento dos alunos acerca da relevância cultural e histórica que a África teve na formação do Estado Brasileiro. Sendo assim, esta política visa reparar essa falta e prosseguir sabendo que a formação da sociedade brasileira teve uma parcela significativa de participação dos povos africanos, com sua cultura, religião, gastronomia e luta. O processo de exclusão e afirmação da construção da história brasileira a partir da chegada dos europeus, dominação indígena e tráfico negreiro, pode ser o causador da falta de afirmação destas comunidades.

Deste modo, este trabalho fez um estudo acerca da importância da execução da Lei 10.639, para a formação de consciência política e cultural da população que é Remanescente de Quilombo. Esta análise foi desenvolvida a partir da produção de um vídeo-documentário intitulado Quilombo.Doc, tendo como comunidade de análise São Braz, localizada na cidade de Santo Amaro – Bahia, a 90 km de Salvador. Este estudo levou em consideração



primeiramente a fundamentação e importância da atuação do pesquisador que vai além do meio acadêmico para entender os meandros do tema a ser abordado na sociedade civil. A pesquisa esteve voltada para a execução de Políticas Públicas; participação e atuação do Estado no que tange a titulação e regularização destas Comunidades enquanto Remanescentes de Quilombo; atuação e formação de associações comunitárias e reconhecimento dos seus representantes; metodologia de ensino da disciplina História da África nas Escolas da comunidade; formação dos professores; auto-afirmação dos moradores; e relevância dos mais velhos no processo de construção da consciência de história local. A idéia principal de fundamentação do tema de Trabalho de Conclusão de Curso se deu por uma inclinação pessoal em estudar temáticas voltadas para Comunidades Tradicionais ou predominantemente negras, influenciada principalmente pelo fato de ter sido aluna do Instituto Cultural Steve Biko, nos anos de 2006 e 2007.

[...] Ora, porque documentários não brotam do coração do real, espontâneos, naturais, recheados de pessoas e situações autênticas; são sim gerados pelo mais “puro” artifício, na acepção literal da palavra: “processo ou meio através do qual se obtém um artefato ou um objeto artístico”, segundo o Dicionário Aurélio. (LINS, 2008, p. 58)

Inicialmente pretendia-se fazer uma análise de Gênero, Matrizes Culturais e Políticas Públicas das Comunidades de Olhos D’Água em Aramari, localizada a 118 km da capital Salvador e São Braz, em Santo Amaro, mesmo sem conhecê-la e saber apenas por histórias e pesquisas na internet. Ao conhecer Santo Amaro em 2011 através da ACC: Atividade Curricular em Comunidade, tendo como professor orientador José Roberto Severino com o projeto Memória e Sociedade, vi uma cidade inspirada em Dona Canô, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Samba de Roda e Capoeira. Estes dois últimos infelizmente ainda estiveram à margem no olhar superficial, que ainda estava carregado por um background midiático. Percebi que Santo Amaro não era somente o MPB de Caetano, o poder matriarcal de Dona Canô e a voz marcante de Maria Bethânia. Chegando à Casa do Samba/ Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Município, senti outra Santo Amaro, recheada de histórias dos mais velhos, luta, manifestações populares e que ali residia um único e grande Quilombo. Foi então, que aconteceu o 1º Encontro das Comunidades de Remanescentes de Quilombo em 10 de junho de 2011 na Casa do Samba, reunindo representantes da Fundação Palmares, SEPROMI, Secretaria da Educação do Estado, governistas do local e moradores das comunidades remanescentes de quilombo do entorno: Acupe, São Braz, Barro Vermelho,

Kaonge e outras. Foi neste encontro que despertei para a importância em falar daquelas comunidades e do modo como elas se auto-representam, levando em consideração a unidade política e afirmativa delas dentro da cidade.

Neste processo de idas e vindas a Santo Amaro, conheci Amália Patrícia, Coordenadora da Comissão de Gênero e Raça da cidade. Em conversas, tive muitas informações acerca da dinâmica das comunidades remanescentes de quilombo de lá, a relação do estado com estas e os seus poderes de representatividade. Ao equilibrar o processo logístico de produção do trabalho, desisti de fazê-lo em Olhos D'Água e optei apenas por concentrar a pesquisa em Santo Amaro, mais especificamente em Acupe, Barro Vermelho e São Braz. Iniciei todo processo de produção em São Braz e ao longo do processo, percebi que não teria condições de estender a pesquisa para as outras comunidades, por mais que houvesse um interesse pessoal em saber mais ainda sobre a questão do reconhecimento de identidade daqueles lugares. Porém em São Braz, foi perceptível no primeiro dia de filmagem, a necessidade que a questão quilombola tem de ser mais esclarecido naquele lugar.

Percebe-se de fato, a parte logística do trabalho de documentarista torna-se flexível e adaptável a mudanças, onde o pesquisador deve estar sempre enquadrado na dinâmica da localidade estudada. E foi isto mesmo que aconteceu. Construir um documentário sem apoio e com recursos próprios foi difícil, porém muito gratificante. No processo de produção do trabalho pude contar com o apoio de Gabriel Amaral Pires que emprestou um tripé; do CULT – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura que cedeu o uso dos equipamentos para filmagem e edição; de um funcionário da DIMAS - Diretoria de Audiovisual do Estado, que ajudou na conversão das fitas, além de doar algumas para a filmagem; com o apoio de Anderson Soares na edição; com o apoio do pessoal da Casa do Samba de Santo Amaro, que me abrigou no dormitório no período em que estive filmando; de Pedro Oliveira “Pepeu”, funcionário da Prefeitura de Santo Amaro e representante de São Braz para o órgão público, que me abrigou em sua casa durante alguns dias; de Fábio Gonçalves, que fez a edição do áudio gratuitamente; da N5 filmes, representada por Ivanildo, que fez a finalização do vídeo.

A comunidade de aproximadamente 3 mil pessoas, onde a maior parte vive da pesca, da extração de cajá, da agricultura e da venda de palitos, recebeu o título de Remanescente de Quilombo em 2009, devido às discussões geradas a partir da implantação de um mega Resort na Ilha de Cajaíba, que divide o mar entre Santo Amaro e São Francisco do Conde. Segundo

entrevistas feitas no local, muitas pessoas da comunidade sabiam da historicidade do lugar, da influência da África e das torturas vividas por escravos no Casarão do Barão de Cajaíba, entretanto não haviam despertado para a consolidação e titulação da terra enquanto Remanescente de Quilombo. No processo de luta contra a implantação do empreendimento, é que houve uma inclinação maior. Formou-se então, a partir da Associação de Moradores, Pescadores e Marisqueiros de São Braz, a Associação do Quilombo de São Braz, dando uma maior representatividade nas discussões acerca da implantação do Hotel paralela à titulação da Comunidade pela Fundação Palmares e regularização das terras pelo INCRA. Graças ao discurso de ser Remanescente de Quilombo e às audiências públicas e intensos debates promovidos pela Associação, que possui Nildes de Oliveira como Coordenadora Administrativa, é que as obras foram embargadas pelo IBAMA e ainda não possui previsão de retorno. A associação foi fundada em 2009, separando-se da Associação de Moradores que já existia anteriormente e que tinha como coordenador Edson Oliveira.

Na pesquisa e filmagens pôde-se perceber um distanciamento de parte da comunidade das discussões promovidas pela Associação do Quilombo de São Braz. Ao serem perguntados sobre a questão de serem Remanescentes de Quilombo, muitos respondiam que não sabiam desta discussão e que era pra procurar alguém da associação, pois eram eles que estavam cientes do que estava acontecendo. Durante o processo de pesquisa ouviu-se muito as frases “Os Quilombolas estão correndo atrás”, “Tem um pessoal aí que se diz Quilombola que ficou de conseguir melhorias aqui pra São Braz”, ”Se for pra trazer beneficio eu sou Quilombola sim”, entre outras. Foram levantadas inúmeras questões principalmente acerca da implantação do Resort na Ilha de Cajaíba, que ao longo dos anos, acabou dividindo a comunidade em duas grandes e polêmicas opiniões: uma parcela da população é contra a implantação do Resort, pois irá destruir o meio ambiente com a criação de heliporto, campos de golfes, derrubada de árvores, construção de atracadouros e cais, etc. A outra parcela é a favor, pois acredita que o empreendimento apesar de prejudicar o meio ambiente, vai proporcionar desenvolvimento para São Braz, gerando emprego e crescimento. Toda esta discussão ofuscou a atuação da Associação do Quilombo de São Braz, gerando também o mau entendimento do termo Remanescente de Quilombo, sendo associado apenas àqueles que lutam pelos direitos da Comunidade.

O roteiro do documentário deve levar em consideração os aspectos de pesquisa e informações da locação. A produção do roteiro envolve quatro e fundamentais eixos para um documentário: pesquisa/planejamento, visualização, organização e redação. O objeto da pesquisa deve estar claro em todo o trabalho, envolvendo as três etapas de produção ditas Produção, Pré-Produção e Pós Produção, caracterizando de forma clara e objetiva a que o trabalho se propõe.

O começo: o ponto antes do qual nada precisa ser dito.

O começo coloca o tema, faz a pergunta, ou mostra algo novo ou inesperado. Dá a partida no documentário e levanta a expectativa do público. Na parte inicial do documentário, coloca-se uma breve apresentação do tema, o problema que será tratado, as principais pessoas envolvidas, ou seja, tudo aquilo que o espectador precisa saber para que o documentário avance.

O meio: a apresentação das evidências

A parte central explora os elementos conflituosos da situação, através da exibição de evidências tanto a favor quanto contrárias ao tema. O objetivo disto é introduzir algo parecido com um conflito dramático na estrutura do documentário. Conflito dramático (...)é uma tensão estrutural que deixa dúvidas sobre como será o desfecho do documentário e mantém o público interessado.

O final: resolvendo o conflito.

A parte final mostra o resultado, em que os elementos do conflito foram tratados e resolvidos. A parte final é a seqüência final na qual a resolução amarra os pontos soltos, encaminha o tema e completa o documentário para o público. (HAMPE, 2011)

## 2. A FONTE INSPIRADORA

Em 2006, aos 16 anos, conheci o Instituto Cultural Steve Biko, instituição fundada em 1992 por alguns estudantes da Universidade Federal da Bahia que não se viam representados àquela época na academia. Deste modo, resolveram unir um grupo de pessoas para estudar e reforçar o conhecimento daqueles que tivessem o interesse de ingressar em uma Universidade Pública. Àquela época não existiam Cursos Preparatórios como nos dias atuais, e desta forma este grupo ganhou forças e hoje se mantém com o financiamento público e privado numa sede provisória no Pelourinho, em Salvador - Bahia, contribuindo para o ingresso de mais de mil pessoas em todo o seu tempo de existência. Ao ser aluna da “Biko”, carinhosamente chamada assim por aqueles que foram seus alunos, começando inicialmente com um curso profissionalizante de Produção Cultural, posteriormente sendo aluna do Curso Pré-Vestibular e ingressar na Universidade em 2008 através do apoio da Biko, o meu interesse por falar da Questão Racial tornou-se quase uma obrigação pessoal, visando principalmente um retorno para o povo que durante muitos anos esteve à margem da sociedade.

A metodologia de ensino da Biko está fundamentada na promoção a ascensão político-social da população negra por meio da educação e do resgate de seus valores ancestrais. A instituição integra cinco programas: o Curso Pré – Vestibular, que se trata de um curso preparatório para o vestibular de instituições prioritariamente públicas voltado para estudantes negros de baixa renda; o Oguntec, que consiste em um conjunto de ações destinadas ao fomento à Ciência e Tecnologia, e tem como público alvo os estudantes afrodescendentes oriundos das escolas públicas estaduais, oportunizando aos mesmos uma educação científica que possibilita a sua melhor interação com os avanços científicos e tecnológicos; O Projeto de formação de jovens em direitos humanos na luta anti-racista, que foi criado em parceria com o Ministério da Justiça e objetiva fortalecer a luta contra o racismo na Bahia através da realização de atividades formativas para jovens afro-baianos, na perspectiva de que eles sejam agentes multiplicadores da proposta, possibilitando assim o surgimento de uma nova geração de cidadãos mais comprometidos com a cultura da paz e o respeito às diferenças; Conexões com as diásporas, que é a troca de experiências entre estudantes, membros do instituto e professores, visitas, palestras, workshops, intercâmbio cultural e educacional, vídeo conferência, estudo de línguas e outras atividades; e o Pompa – Projeto Mentes e Portas Abertas, que visa desenvolver as habilidades de liderança em jovens

negros universitários com o objetivo de inserir esses jovens em carreiras do setor público e terceiro setor, na perspectiva de agregar as demandas da equidade racial e de gênero no âmbito do exercício profissional dos mesmos jovens, seja na proposição de políticas públicas em órgãos governamentais ou na execução de projetos sociais em organizações não governamentais.

O Instituto Steve Biko me influenciou na formação política, crítica em relação ao modelo de política racial vigente além de fazer pensar no meu lugar enquanto jovem, oriunda de escola pública, moradora da periferia de Salvador, filha de pais que não concluíram nem 2º Grau e negra. Diante disso, o meu ingresso na Universidade me deixou com o propósito de possibilitar um retorno para a sociedade, fazendo com que eu pudesse gerar novas reflexões e mobilizar o meu povo.

### 3. CCN: CIDADANIA E CONSCIÊNCIA NEGRA

Aqueles que conhecem o Instituto Cultural Steve Biko sabem da sua importância no que tange a elevação da auto estima daqueles que o frequentam. Através de discussões e exemplos de superação do racismo e da batalha para se reconhecer negro na sociedade atual, é que a instituição fundamenta a sua metodologia. O processo de afirmação de identidade pode ter um apelo pedagógico, no qual seja mais fácil, prático e dinâmico envolver Escola, Comunidade e seus representantes. As aulas de CCN – Cidadania e Consciência Negra, disciplina curricular da Biko, resume positivamente à demanda sobre o pertencimento e auto-estima daqueles que lá estudam. A prática pedagógica da disciplina visa desenvolver e estimular a auto-estima, identidade negra, cidadania e o combate à discriminação racial.

O CCN faz parte do projeto de formação política. Dentre os objetivos do CCN está a preocupação em promover a conscientização e o resgate da cultura afro-brasileira, focando aspectos da ancestralidade, religiosidade, referências de luta da diáspora africana, além de despertar e de promover a consciência racial e cidadã. Com isso, a Steve Biko objetiva formar educandos conscientes de sua origem étnica e prepará-los para combater as várias formas de preconceito enfrentado pelos negros na sociedade. (NASCIMENTO, 2007, p.10)

A importância do CCN no processo metodológico de formação política do Instituto Steve Biko pode ser uma ação proveitosa e positiva, se aproveitada em Comunidades Quilombolas. A consciência política destas, que por sua vez, é deficiente devido às formas de abordagem e atuação das instituições representativas e formadoras de opinião, que ora por falta e conhecimento prévio da melhor forma de integrar a comunidade na discussão, ora por interesses outros, acabam por distanciar a comunidade das discussões, fazendo com que haja uma quebra de comunicação e envolvimento, gerando o distanciamento entre associação e moradores. Stuart Hall, autor jamaicano, pondera em seu texto “The Representation” que a representação é determinada pela regulação, consumo, produção e identidade e que o relato é construído a partir do nosso lugar no mundo. Desta forma, a linguagem e a tradição oral tornam-se um dos principais instrumentos de representação da identidade de um povo. Trazendo para a dinâmica metodológica do Instituto Steve Biko, pode-se esclarecer que a instituição fundamenta-se em exemplo próprios para auxiliar jovens no caminho para o sucesso profissional. A aula de CCN se baseia no discurso dos professores que vieram da mesma faixa etária e econômica

#### 4. UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL: A LEI 10.639

As Ações Afirmativas são medidas determinadas pelo estado em decorrência do debate entre a sociedade civil organizada. Estas possuem o objetivo de acabar com as desigualdades acumuladas ao longo da história e garantir a igualdade de oportunidades e direitos, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros. A lei que regulamenta os Quilombos e as Cotas, por exemplo, foi criada nesse contexto de “afirmação”.

Mais do que emissão de títulos de propriedade, a regularização fundiária para as áreas remanescentes de quilombos trata-se de uma reparação histórica – ainda que parcial – e do reconhecimento público da contribuição dada pelos quatro milhões de africanos escravizados e seus descendentes na edificação do Brasil. Oficialmente, o governo brasileiro tem mapeado 743 comunidades remanescentes de quilombos. Essas comunidades ocupam cerca de 30 milhões de hectares, com uma população estimada em 23 milhões de hectares, com uma população estimada de 2 milhões de pessoas. Somada a regularização das terras quilombolas, também trabalhamos em conjunto pela implantação de saneamento básico em comunidades remanescentes de quilombos. (FUNDAÇÃO PALMARES, 2011)

No que tange as Ações Afirmativas, inclui-se o debate sobre a execução das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que foram criadas com o intuito de implementar o estudo da História da África nas Escolas de Nível Fundamental e Médio. A Lei 10.639/2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". A execução das leis esbarra na capacitação deficiente dos professores, já que estes tiveram uma formação fundamentada nos conceitos eurocêntricos, além da escassez de material didático que contemple o conteúdo programático da disciplina e a falta de uma integração e conscientização política na relação entre escola e comunidade.

Conforme Adami (2007) em março de 2005 foram apresentados alguns pontos relacionados à implementação efetiva da lei, tais como: formação de professores e de outros profissionais da educação.

Entretanto, os professores, que em sua formação também não receberam preparo especial para o ensino da cultura africana e suas reais influências para a formação da identidade do nosso país, entram em conflito quanto à melhor maneira de trabalhar essa temática na escola. Nesse sentido, este ponto pode ser um dos obstáculos estabelecidos com a lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, visto que a mesma não disciplina nem menciona em nenhum de seus artigos cursos de capacitação voltados à preparação de professores na área.



Além disso, discute-se ainda a reestruturação das bases pedagógicas num movimento de resgate histórico, ressaltando os conceitos trabalhados em sala de aula e a base teórica empregada. Por este motivo, incluir-se-ia no rol de conteúdos e em atividades curriculares dos cursos de educação das relações étnico-raciais conhecimentos de matriz africana que diz respeito à população africana. (SANTOS, 2011)

A programação da Lei 10.639 implica uma abordagem que envolve a comunidade, a escola, o estado e a família. Nas pesquisas realizadas por mim em São Braz, por exemplo, notou-se um grande distanciamento entre estes fatores fundamentais na execução da lei, a começar pelo fato de os professores não residirem na comunidade. Segundo informações obtidas na escola, os moradores do local renegam aqueles que são de lá e ensinam no distrito, inferiorizando e tornando-os menos habilitados para ali estarem, ensinando e transmitindo seus conhecimentos obtidos na Academia e em sua vivência comunitária. Os professores de lá são escolhidos pela Prefeitura de Santo Amaro, que até por falta de pessoal na comunidade, acaba por escolher os moradores que não moram lá. Estes fazem apenas o percurso Centro/Escola e não possui um convívio mais dinâmico com o local, sem saber de fato a história do lugar, das demandas comunitárias e do seu cotidiano. Foi possível perceber também, o distanciamento da comunidade com a Associação do Quilombo, referindo-se aos seus integrantes enquanto externos à realidade local. Esta distância é perceptível na fala de muitos entrevistados que, ao ser perguntado sobre o reconhecimento da Comunidade enquanto Remanescente de Quilombo, respondem que “Os Quilombolas” estão batalhando por melhorias no local, “O Pessoal da Associação” tem feito o trabalho.

O multiculturalismo e a diversidade étnica devem fazer parte do processo pedagógico e da execução da Lei 10.639. A união de forças e ações conjuntas das Secretarias de Cultura e Educação pode ser a melhor opção de execução mais vigorosa da Lei, que exige uma demanda de discussão e conhecimento cada vez mais amplos. A cultura, que está sempre em constante evolução, não dá conta dos processos de entendimento, salvaguarda e reconhecimento da identidade cultural. Os processos de afirmação cultural e identitária se dão principalmente nos locais de formação: escola, casa e sociedade. A comunidade se vê constantemente influenciada pelos novos moldes multifacetários, que engendram as mudanças culturais. Ao falar de tradição, preservação da identidade e memória pode-se pensar em perpetuação cultural. Diferentemente do que o termo preservação conclui Quilombo não significa que seus moradores vivam somente da agricultura, que suas casas sejam de taipa,

que na comunidade não tenha energia elétrica e água encanada, que os moradores não tenham computador e celulares de última geração.

## 5. PRÉ – PRODUÇÃO

Em maio de 2011 conheci Santo Amaro, através do ACC – Memória e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia com orientação do Professor José Roberto Severino. Neste período já se tinha idéia do tema o qual seria dado um enfoque maior para o Trabalho de Conclusão de Curso, entretanto esta ainda não estava definida. Já em junho, com o 1º Encontro das Comunidades Remanescentes de Quilombo, foi possível delimitar a questão um pouco mais, fundamentando-se naquela região. Para melhor concretização da idéia, foi necessário fazer contatos com os representantes de cada comunidade e com a representante da Comissão de Gênero e Raça de Santo Amaro, Amália Patrícia. Após o primeiro contato feito por telefone, marcamos um encontro para aprofundar melhor as informações. De imediato houve uma boa sintonia de ideias e confluência de interesses. A atual gestão da Comissão de Gênero e Raça de Santo Amaro possui um interesse muito grande por mapear cada comunidade remanescente de quilombo da região, entendendo suas características históricas. Logo, fui direcionada para as principais representações de cada Comunidade a ser estudada, até então Acupe, Barro Vermelho e São Braz.

O documentarista determina um projeto, sabe de onde parte, sabe o que gostaria de alcançar, mas não pode prever os resultados a que chegará, nem o percurso que terá que cumprir. (LINS, 2008, p. 52 apud BERNADET)

No decorrer do trabalho, percebeu-se que a abrangência das abordagens a serem seguidas eram extensas e impossíveis de serem analisadas no período destinado à execução do projeto. Desta forma, foi possível entender a dinâmica processual do pesquisador/documentarista que vive à mercê do seu tema de pesquisa. Porém, isto não quer dizer que ele deva seguir a corrente do cotidiano da localidade estudada, mas é preciso ter uma linha de observação ou que esta se dê no início do trabalho.

Com a idéia já formada, faltavam recursos e aportes para o início da execução do trabalho. Por ter sido bolsista do Coletivo de Audiovisual do CULT – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, ter feito um Curso de Produção de Cinema promovido com o apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia em parceria com a UNEB e por ter razoável experiência na área da Produção executiva, a execução deste trabalho acabou por se fazer sem muitas dificuldades técnicas. Só foi possível filmar com uma Câmera Sony HDV, com fita Mini Dv, tendo o empréstimo do tripé de um amigo, Gabriel Amaral Pires. Faltava ainda

recurso para a compra de fitas, transporte e alimentação em viagem. Durante o processo de trabalho, foi criado um blog na plataforma gratuita *WordPress* para a postagem de notícias sobre o trabalho e troca de informações com público interessado. A princípio haveria também a colaboração de uma fotógrafa e um designer, que também daria um apoio nas filmagens. Tentou-se também apoio da DIMAS – Diretoria de Audiovisual do Estado da Bahia, com a cessão de equipamentos para a produção do documentário. Entretanto, devido à burocracia implantada nos órgãos públicos, a resposta ao ofício enviado no início de agosto só chegou em meados de setembro, quando o cronograma do trabalho já estava sendo executado, além de esbarrar em várias questões logísticas que impediam a viabilidade do apoio, como a disponibilidade integral de um automóvel para transporte de técnicos.

Os precedentes por focar numa comunidade quilombola para discorrer sobre a importância de políticas públicas de cultura e educação, se deram por observações pessoais feitas acerca do atual modelo de abordagem social por instituições e grupos da militância negra. Falar da questão racial pode ter caído num modismo, onde o discurso às vezes é esvaziado, esgotando-se apenas na atitude do povo negro ou nos moldes da mídia atual, como por exemplo, o usar cabelo Black, criar manifestações sobre a representação do negro da mídia ou dizer que é quilombola. Mas o que significa usar um cabelo Black Power? O que é ser Quilombola? E o Negro na mídia, como ele é representado em relação à sociedade? E qual o fundamento disto tudo?

Em seu ensaio "Modernismo, pós-modernismo e o problema do visual na cultura afro-americana" Michele Wallace acertou ao indagar se esse reaparecimento de uma proliferação da diferença, de um certo tipo de ascensão do pós-moderno global, não seria uma repetição daquele jogo de "esconde-esconde" — que o modernismo jogou com o primitivismo no passado — e ao indagar se esse jogo não estaria sendo novamente realizado as custas do vasto silenciamento acerca da fascinação ocidental pelos corpos de homens e mulheres negros e de outras etnias. (HALL, 2003, p. 337/338)

De fato o Brasil é um país caracterizado por profundas desigualdades sociais, onde a maioria da população não tem acesso a serviços essenciais que possam garantir sua sobrevivência. Infelizmente, esta maioria que sofre as consequências das mazelas sociais desse país é de descendência africana. Os negros são a maioria dos desempregados, analfabetos, são os que menos tempo permanecem nas escolas e constituem a maioria das vítimas da violência policial. Esse quadro é decorrente do processo histórico brasileiro, pois os negros foram escravizados durante séculos e, logo após o fim da escravidão legal, foram

colocados à margem do desenvolvimento econômico e social (NASCIMENTO, 2007, p.07). É possível acreditar que o discurso deve contribuir para a inovação e formação da consciência política do povo negro, a começar expressão povo negro, que remete a uma idéia de união e que no dicionário ainda é remetido ao termo plebe, que era o oposto de nobre, dado à “ralé”. É importante falar de povo, mas destacar principalmente que diferente do que está no dicionário o povo negro possui um legado histórico e cultural que compreende muito mais que as mazelas e as perdas sofridas por ele, mas um povo tão rico e espirituoso como os índios, os judeus, entre outros povos. Contudo, a idéia base deste trabalho foi de certo modo, fazer uma análise do discurso remetido principalmente pelas instituições de militância negra. A importância dela para a criação e execução das políticas culturais perpassa pela representação e atuação delas na comunidade. De todo modo, fui até São Braz com o intuito principal de entender a Associação do Quilombo e a sua atuação para com a comunidade. Foi preciso antes de tudo, entender o significado de quilombo, não só para os moradores de São Braz, como de pessoas entrevistadas na cidade de Santo Amaro, considerada por muitos um grande quilombo.

Em Outubro de 2010, iniciei uma oficina de Produção de Cinema, no Curso Cine Art's, projeto desenvolvido com apoio do Fundo de Cultura do Estado, em parceria com a UNEB – Universidade Estadual da Bahia. Neste período, aliada ao curso da disciplina Elaboração de Projeto de Comunicação ministrada à época por José Roberto Severino, o curso foi fundamental na delimitação do produto, possibilitando uma argumentação pertinente sobre a escolha por fazer um documentário sobre o Quilombo. A discussão abordada neste trabalho é repleta de nuances e pontos de vista que perduram desde o início do modernismo, quando explode a importância da auto valorização de identidade e patriotismo, temas estes trazidos pelo autor Stuart Hall, uma das referências principais na elaboração deste trabalho. O documentário permite ao espectador uma amplitude de reflexões que vai além do que o é dito em palavras. Nele compreendem-se imagens, que em sua totalidade, permitem uma alusão a pensamentos que transgridem o entendimento considerado “limitado” do filme. Ao assistir Quilombo.Doc, pode ficar clara a discussão sobre a falta de união entre os moradores, que impedem a promoção de Políticas Públicas de auto-afirmação quilombola e/ou, pode entender-se que o termo Quilombo necessita de mais estudos e discussões para a delimitação do seu significado e/ou, o espectador pode limitar-se à falta de entendimento do que é ser

Remanescente de Quilombo apenas por um fato informativo ou pode-se apenas entender o filme enquanto um relato da Comunidade de São Braz sobre a sua história.

## 6. PRODUÇÃO

A primeira filmagem foi iniciada no dia 13 de agosto de 2011, um sábado chuvoso. Ao contar com o apoio de Jamilson Souza nesse primeiro dia de trabalho em campo, foi necessária a inclusão de mais recursos para transporte e alimentação. A princípio ficaríamos hospedados na Casa do Samba de Santo Amaro, já que o espaço conta com dois dormitórios. Contando com uma mala composta por uma Câmera Filmadora, um tripé, microfone, câmera digital, cabos, baterias e carregadores, além da mochila pessoal, que continha roupas e material de higiene pessoal, seguimos até a Rodoviária de Salvador para pegar o ônibus que ia em direção a Santo Amaro, saindo da capital às 07h30 da manhã.

Ao descer na Rodoviária da cidade de “Dona Canô”, chamamos a atenção de uma senhora com feição alegre e simpática, que nos perguntou de onde éramos. Neste exato momento, ligamos a câmera e começamos efetivamente o trabalho. Tia Ana, como a senhora gosta de ser chamada, nasceu em Saubara - Bahia e atualmente mora em Conceição de Jacuípe - Bahia. Ela foi vereadora da cidade em que nasceu e nos contou um pouco da comunidade, que também foi reconhecida enquanto Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares. Perguntamos se ela sabe sobre a história da comunidade e sobre a questão de ser Remanescente de Quilombo. Ela nos contou um pouco sobre a cultura do local, sobre a barquinha, símbolo cultural da cidade, sobre os engenhos, mas não lembrava o que significava de fato o termo Quilombo. O ônibus que “Tia Ana” aguardava chegou, mas deu tempo de ela responder:

“Os mais velhos contam que o Quilombo era o local onde os escravos se escondiam. Não lembro direito o que é. Mas tem um livro lá que fala”. (informação verbal)<sup>1</sup>

A palavra quilombo significava um lugar de pouso utilizado por populações nômades ou em deslocamento, geralmente escravos fugidos; posteriormente passou a significar também as paragens e acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, escravos e outros itens cobiçados pelos colonizadores. A partir dessas formações e da miscigenação construída principalmente na relação entre grupos de índios e negros, foi se formando uma cultura local e identitária, marcada pelas características de cada povo e ao mesmo tempo do todo. “Aos

---

<sup>1</sup> Fala de Ana Maria, conhecida por “Tia Maria” em Saubara – Bahia, em 13 de agosto de 2011.

remanescentes das comunidades de quilombo que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos” (art.68 / ADCT/ CF1988). A partir do reconhecimento dessas comunidades pela Constituição de 88, é que o Quilombo ganha um novo significado: não mais significa uma comunidade de negros fugidos, mas segmentos de negros em diferentes regiões do Brasil, referindo-se principalmente a terras compradas por negros libertos. Estima-se que existem hoje 743 comunidades quilombolas oficialmente registradas pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, e 252 processos de regularização fundiária em curso, envolvendo pelo menos 329 comunidades distribuídas em 21 estados.

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas.

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (PORTAL LEGISLAÇÃO, 2010)

Naquele sábado de chuva, andar até o local onde se concentram as “Bestas”, carros que transportam a população de Santo Amaro até São Braz, foi uma das etapas mais difíceis deste trabalho. Naquele momento, mais que garantir a execução do trabalho, era importante salvaguardar um equipamento do qual nós não tínhamos posse, muito menos recurso para fazer a sua reposição em caso de perda ou danos. Passando por um longo caminho de poças d’água e pingos de chuva, gotejados por árvores espalhadas nas ruas, conseguimos chegar até o carro de Antônio, mais conhecido como “Tonho”, um senhor bastante divertido, que tem no transporte de pessoas a sua fonte de renda. Em seu carro, já em estado precário e remendado, Jamilson fez alguns “takes” das ruas e das fazendas, que enfeitam a paisagem até a chegada a São Braz, que fica a 2 km de Santo Amaro. Ainda no carro, tentou-se uma conversa informal acerca do Quilombo de São Braz, mas não houve êxito. Com respostas curtas e secas, as



peessoas responderam apenas que já ouviu falar dessa história, mas que não sabe direito “dessas coisas” não. Bom, resolvemos seguir calados até lá.

Chegamos no “Balaio de Gato”, bar de “Pepeu”, considerado administrador de São Braz. Com muita receptividade, fomos agraciados com uma presença de espírito infinda, por pessoas que não pareciam hesitar em serem úteis e agradáveis a todo tempo. “Pepeu” nos contou um pouco sobre a comunidade, mas recusou aparecer diante das câmeras, alegando que mesmo tendo uma história pessoal fundada naquele local, preferia nos indicar a pessoas que poderiam contribuir muito mais com este trabalho, fornecendo dados importantes e informações mais autênticas. Sendo assim, convidou Seu Edson Oliveira, um homem de 77 anos que preferia ser chamado de “Seu Helinho”, como é conhecido na comunidade. Na conversa que perdurou mais de uma hora e meia, falou-se desde a história da comunidade até função dele em família, que se resumia ao café no final da tarde. “Seu Helinho”, um homem de cor clara, apesar da aparência bastante enrugada e sofrida, se mostrou bastante entusiasmado e cheio de esperança em relação ao desenvolvimento de São Braz, comunidade em que nasceu, cresceu e pretende falecer. Sim, falecer, pois ele garante o seu conforto “pós vida” e de toda sua família no cemitério daquele lugar.

Ao ser perguntando se ele se considerava Negro, “Seu Helinho” resp ondeu com firmeza, justificando sua origem racial herdada dos seus a vós e pais. Porém quando foi perguntado se era Remanescente Quilombola, ele logo respondeu que não, argumentando que lá ninguém vive da agricultura, todo mundo foi pescador. Porém, estava carregado de um discurso outro, embasado na construção do Resort da Ilha de Cajaíba.

### **Bahia recebe investimento de R\$ 1,2 bilhão em novo resort**

O grupo espanhol Property Logic está concluindo as negociações com os órgãos públicos em relação às questões sócio ambientais para dar início ao projeto de construção de um resort na Ilha de Cajaíba, em São Francisco do Conde, estado da Bahia. O Ilha de Cajaíba Beach & Golf Resort contará com um aporte de R\$ 1,2 bilhão, divididos em quatro etapas, e prevê a abertura de 2.300 postos de trabalho durante a construção e outros 2.500, quando o projeto estiver em pleno funcionamento. De acordo com o diretor da Property Logic no Brasil, Dick Blom, já há bandeiras hoteleiras estrangeiras interessadas no projeto, dependendo apenas do sinal verde das autoridades ligadas ao meio ambiente para fechar o acordo e iniciar a construção do resort.

O projeto inclui ainda campo de golfe com 18 buracos, marina, campos esportivos, shopping e serviços, centro educacional, spa, heliponto, centro equestre, piscinas, campo de futebol, quadras de tênis, além de outros

equipamentos voltados para os esportes náuticos. (REVISTA HOTÉIS, 2011)

Segundo Carla Bastos, secretária administrativa da Associação do Quilombo de São Braz, a idéia inicial para a formação da entidade se deu a partir da aprovação da construção do empreendimento na Ilha de Cajaíba. A localidade é tida como berçário de peixe e camarão pelos pescadores, que dali tiram o sustento da família. Foi então que um grupo de pessoas se uniu e resolveu lutar por seus direitos, recolhendo assinaturas em documento para entregar à Fundação Palmares para que a terra se regularizasse enquanto Remanescente de Quilombo. Foi que em 2009, a comunidade de São Braz recebeu o título e a partir daí deu início à luta contra a construção do Resort. Porém, a oferta de empregos e desenvolvimento para a localidade fez com que a comunidade ficasse dividida entre a ascensão econômica e turística e a proteção do meio ambiente e preservação da tradição pesqueira. “Seu Helinho” disse claramente que é a favor da construção do Hotel, alegando que este trará muitos benefícios para São Braz, como emprego e desenvolvimento. Inclusive alertou que a Associação do Quilombo não o convida mais para participar das reuniões, pois ele é sempre contra as ideias que são colocadas, mesmo sabendo que ele gosta de participar das discussões.

Em entrevista, Carla Bastos contou que os idealizadores ofereceram oficinas capacitação aos moradores das comunidades, distribuição de mudas de cajá para plantação em quintais, entre outros. Porém quando questionados em audiência pública sobre a estrutura da obra e impactos ambientais causados pela construção, a secretária administrativa da associação nos falou que os representantes foram insultados pelos administradores da obra, ao dizerem que precisavam saber mais sobre Comunidades Quilombolas. Infelizmente a Comunidade ainda não teve suas terras regularizadas pelo INCRA, que por falta de historiadores, encontra-se indisponível para a este serviço.

O termo “Remanescente Quilombola” remete à noção de resíduo, de algo que já se foi e do qual sobraram apenas algumas lembranças, bem como à questão da ancestralidade. A isto se pode associar o conceito de Elemento Residual da Cultura, trazido por Raymond Williams para falar de Matrizes Culturais. Ele propõe em seu livro *Marxismo e Literatura* de 1979 um olhar para a história pensada efetivamente como processo, para isso traz os elementos residuais (passado/presente), dominantes (presente/presente) e emergentes (presente/futuro) para analisar as tradições. Quando se fala em identidade étnica trata-se de um processo de auto-identificação, em que não se pode reduzir a elementos materiais ou

traços biológicos, como cor da pele por exemplo. Relacionado a isto, lê-se no livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais” de Stuart Hall (2003) sobre a noção do relato enquanto perspectiva autobiográfica, mas que antes é preciso entender o contexto em que se vive. Por muito tempo, esse relato era disseminado pela burguesia, que falava não só da sua história como reinventava a história dos seus empregados.

Na parada para o almoço, composto por frutos do mar pescados pelos vizinhos do bar “Balaio de Gato” e cozido por “Cheirosa”, apelido engraçado de Maridete, esposa de “Pepeu”, pensou-se no que se tinha obtido de informação até então. Eram muitos focos ao mesmo tempo: a negação de identidade quilombola por um homem branco que se considera negro, a implantação de um mega empreendimento próximo a uma comunidade histórica que data, aproximadamente, do final do século XIX. Avaliaram-se também as dificuldades das primeiras filmagens: dificuldades com iluminação, barulhos externos, problemas com microfone, etc. chegou-se á conclusão até então, de que duas pessoas e aqueles equipamentos precários poderiam prejudicar o andamento da ação. Houve também uma atenção à intervenção na fala dos entrevistados, era preciso deixá-los à vontade, sem inferir em suas opiniões para que o documentário tenha a cara daquele povo.

Após um descanso e avaliação da manhã proveitosa, seguiu-se a jornada adiante com Matheus, filho de “Pepeu”. No caminho conhecemos Olívio, filho de “Seu Helinho” e mais conhecido como “Pety”. Envergonhado com a presença da câmera, ele inicialmente hesitou em falar sobre a questão do Quilombo de São Braz, argumentando não saber quase nada sobre isso. Entretanto, ao discorrer sobre o assunto em conversa informal, percebeu-se que “Pety” sabia muito mais do que se imaginava, quando respondeu que só soube o que significava o termo Quilombola a pouco tempo, pois nunca tinha ouvido falar disso antes. Em alguns minutos, ele nos contou o que sabia da história de Cajaíba, dos Engenhos de Santo Amaro, de Zumbi dos Palmares e Associação do Quilombo de São Braz. Sobre esta última questão, quando o perguntamos o que ele sabe sobre Quilombo, ele indicou que procurássemos Nildes Oliveira, Coordenadora Administrativa da Associação. Ela sim saberia falar sobre os Quilombolas. No mesmo instante, convidamos “Pety” para acompanhar o trabalho em São Braz, alegando que este além de ser um trabalho para a Universidade se constituía enquanto produto de luta por direitos e reivindicações da comunidade.

É fundamental ressaltar, que a história do Quilombo não está somente baseada na luta pela liberdade, afirmação de identidade e demarcação de território. É um pacto de formação, civilização, construção identitária e de pertencimento, de maneira que ela se envolve com a comunidade e se envolveu com outros instrumentos, estabelecendo as relações comerciais, turísticas. As políticas que competem às Comunidades Quilombolas vão muito além das de cultura e patrimônio, mas permeiam e consolidam a legislação das Políticas Sociais. Em fins de 2003, o Governo Federal lançou o Programa Brasil Quilombola (PBQ), reunindo ações do Governo Federal para as comunidades remanescentes de quilombos. As metas e recursos do Programa envolvem 23 ministérios e órgãos federais e têm como principais objetivos a garantia do acesso a terra; ações de saúde e educação; construção de moradias, eletrificação; recuperação ambiental; incentivo ao desenvolvimento local; pleno atendimento das famílias quilombolas pelos programas sociais, como o Bolsa Família; e medidas de preservação e promoção das manifestações culturais quilombolas. É fundamental que as comunidades estejam munidas de conhecimento, não só da sua história e origem, mas dos benefícios assegurados pelas atuais políticas de preservação da identidade e tradição.

“Pety”, que possui uma inclinação pelo trabalho social enquanto agente comunitário, organizador do baba e das demais atividades da comunidade, mesmo não estando vinculado a nenhuma associação, tornou-se o guia do Documentário Quilombo.Doc, através da realização dos seus sonhos e visões de futuro para a Comunidade. Ele se constitui enquanto personagem real de um filme natural, onde o cotidiano é refletido por pessoas que contam e re-contam uma realidade surpreendente, integrada por sonhos, desejos e ações que em muitas vezes mantêm-se escondidas em gestos simples, geralmente não reconhecidos pelos demais integrantes. Em seu livro “Filmar o Real”, Consuelo Lins fala da utilização dos dispositivos em documentários:

Como nos filmes de Goifman e Kogut, teríamos nos filmes “de dispositivo”, a criação de uma “maquinação”, de uma lógica, de um pensamento, que institui condições, regras, limites para que o filme aconteça.

A simples adoção de um dispositivo não garante, em suma, o sucesso de um filme, tudo depende de sua adequação ao assunto eleito, mas sobretudo do trabalho concreto de filmagem, que a maquinação anterior não dispensa.(LINS, 2008, p. 56-57)

Na tentativa de empreender um discurso voltado para a história da Comunidade, para justificar o fato de se constituir enquanto Comunidade Quilombola deu-se uma preferência

por entrevistar os mais velhos. Em pesquisas na internet, foram achados poucos dados sobre a comunidade estudada, resumindo-se geralmente ao “Grupo de Samba Chula” ou à construção do Resort Ilha de Cajaíba. Em cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. Nisso Leskov é magistral. (Pensemos em textos como *A fraude*, ou *A águia branca*.) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1936, p.203)

Ao entrar em um dos inúmeros bares da comunidade, conhecemos Doralice Santana Almeida “Dona Dora”, uma sambadeira de 73 anos nascida e criada em São Braz. Rapidamente ela nos aconchegou com sua conversa envolvente e cheia de contos e mitos, e contou muito sobre a história daquele lugar. Lembrou-se dos seus tempos de menina, que ia pra feira com sua mãe vender marisco, da Casa de Farinha, dos Ternos de Reis e noites de Lua Cheia envolvidas pelo Samba de Roda. Remeteu-nos a pensar no colorido das festas folclóricas do Recôncavo Baiano e da importância que ela vê em preservar e manter as tradições herdadas da sua mãe, que logo ficou solteira devido ao alcoolismo do seu marido. Dona Dora, que é filha de Oxum, é uma das poucas adeptas ao candomblé daquela localidade. Ela nos recebeu em sua casa, vestida de sambadeira, tendo os orixás como plano de fundo. Contou-nos sobre a importância da figura da sua mãe, a Senhora “Praxedes”, fundamental na regência da sua vida, enquanto mulher guerreira, que preferiu estar solteira num mundo, àquela época ainda extremamente conservador e machista.

A entrevista dada por “Dona Dora” foi recheada de muita emoção. A segunda etapa de filmagens, agendada para os dias 19, 20 e 21 de agosto foi intensa e com muitas surpresas. Como foi dito anteriormente, este projeto contaria com o apoio de um Designer, Jamilson Souza, que me acompanhou no primeiro dia de gravação e por uma fotógrafa. Fui até Santo Amaro no dia 19 de agosto, uma sexta-feira bastante ensolarada. Carregada com a mesma quantidade de bagagem da viagem anterior, viajei de ônibus até lá. Contando com o apoio da Casa do Samba, que me acolheu durante todo processo de pesquisa, foi que dei continuidade

ao processo de gravação, mesmo estando sozinha. Infelizmente as duas pessoas que eu contava para o apoio não puderam me acompanhar nestes três dias de trabalho. Apesar das dificuldades encontradas na trajetória e no processo de gravação, estes momentos foram fundamentais na concretização da identidade e do que eu represento por ser uma jovem mulher negra. Infelizmente foi possível perceber que se vive no século XXI, numa sociedade machista e extremamente preconceituosa, onde uma mulher sozinha ainda pode ser reconhecida como frágil ou interpretada como vulgar. Isso mesmo, vulgar. Sentir-se frágil diante de uma multidão de pessoas, que a vêem talvez como louca ou corajosa, por não ser do lugar, por estar com equipamentos que custam caro no mercado audiovisual, por ser jovem, por ser aparentemente bonita e fraca.

No bate-papo com “Dona Dora”, a entrevista ganhou um enfoque com um toque mais envolvente e sentimental. Tendo uma característica muito predominante nos habitantes do interior dos grandes Centros, ela me abrigou em sua casa no momento em que me senti mais corajosa, forte, capaz e ao mesmo tempo frágil, sozinha e desamparada, me oferecendo o seu abraço, comida e carinho. Neste momento, ela também disse que eu era de “Oxum”, por ter uma personalidade forte e ao mesmo tempo sensível, por ser vaidosa, determinada, perseverante. Desta forma, concluiu-se que o trabalho do documentarista, vai muito além do objetivo de cumprir um trabalho somente. Mas de se envolver, de se sentir pertencente àquela realidade de alguma forma, mesmo que nunca tenha ido lá antes, mesmo que tudo aquilo seja novo no olhar, mas que ao mesmo tempo é muito recorrente em memória. São Braz proporcionou uma reflexão muito além da formação de consciência política para o Quilombo, mas de humanização, do sentimento de pertencimento. Em sua íntegra, Quilombo quer dizer união, batalha, organização, pertença e riqueza.

Este trabalho acabou por ser guiado pela dinâmica da comunidade. Foi ela quem o levou adiante, que o envolveu de conteúdo, música, cor e reflexão. No decorrer da execução do projeto, acabou-se por não dar um enfoque à religiosidade do local, detalhe geralmente destacado em outras pesquisas que tangem a questão Quilombola, Herança Africana e Questão Racial. Devido à quase inexistência de discussões a esse respeito com os entrevistados, este estudo não pretendeu avaliar esta grande e importante característica da tradição do recôncavo baiano.

O trabalho e atividade de ouvir os mais velhos se constituem como uma forma de reconhecer a história oral como oficial. Sabe-se que a história foi construída com uma parcela significativa da burguesia. Em “A Voz do Passado: história oral” de Paul Thompson (1992) essa prática dos “povos brancos” é explicada de modo bastante descritivo, para entender a importância da história oral na construção da identidade de um povo e do modo em que ela se reconhece enquanto pertencente a ela.

A história foi escrita a partir do lugar de fala do homem burguês. O operário não tinha acesso à construção oficial da história, então ela era construída a partir do lugar de fala da Burguesia, que descrevia a realidade atual a partir do seu ponto de vista, desconsiderando aspectos predominantes na classe oposta. Ao trazer um pouco disso para a história dos Quilombos, pode-se observar a própria construção da História do Brasil, que mal fala que a cultura brasileira foi em boa parte, construída pelos negros trazidos da África e que muitas comunidades foram erguidas por negros fugidos dos brancos. Esta pesquisa se fundamentará principalmente através dos dados oficiais e dados contados a partir da oralidade. A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. (THOMPSON, 1992, p.43)

O trabalho de ouvir os mais velhos foi recorrente neste trabalho que não se aprofundou na pesquisa a fontes oficiais, de modo que a Prefeitura de Santo Amaro não dispõe de aporte bibliográfico, informativo ou mesmo catalográfico sobre a comunidade. Logo, para entender a dinâmica daquela comunidade bem como a sua história, foi preciso ouvir os mais velhos, o que se tornou uma atividade bastante rica, divertida e criativa. Pode-se dizer que foi um verdadeiro espetáculo de contação de histórias, onde o palco era a sala ou o quintal de casa, os atores os mais velhos e o público sendo formado por mim, “Pety” e as esposas, filhos e netos. Foi assim com “Seu Helinho”, “Dona Dora” e os demais entrevistados. Com Carlos Augusto, mais conhecido como “Zeca do Sobrado”, a conversa aconteceu na varanda de casa, de frente para a área verde na entrada da comunidade de São Braz. Ele, um senhor aposentado, nascido e criado em São Braz, mora na comunidade com sua esposa, depois de voltar da cidade de Camaçari/ Bahia a cerca de dois anos. “Seu Zeca do Sobrado” recebeu esse apelido por ter sido criado pelos “Donos de São Braz”, mais conhecidos por Sr. João Clímaco e Sra. Ana Judite. João Clímaco era fazendeiro, que herdou as terras de São Braz dos seus pais, junto com a Caiera, antiga fábrica de Cau, a Usina e os gados. Os pais de “Seu Zeca” faleceram quando ele ainda era criança, logo João Clímaco e sua esposa, que era o detentor de São Braz e tinha apenas um filho, o recolheu em sua casa

cuidando do rapaz que também tomava conta da casa e dos gados. Em conversa, “Seu Zeca” disse que não era empregado da casa, mas que quando havia necessidade, ele a fazia até mesmo por gratidão. Ele também comentou que Seu João Clímaco era detentor de muitos funcionários e era uma pessoa bastante simpática e hospitaleira. Perguntei se ele sabia da existência de escravos na Fazenda e no Sobrado e ele logo respondeu que não tinha conhecimento, que os funcionários chegavam de outras terras para trabalhar para o dono de São Braz e lá mesmo construíam suas casas, tendo ainda hoje muitos descendentes destes funcionários na comunidade.

As terras foram vendidas para dois compradores pouco antes da morte de Seu João Clímaco, e seu único filho, que segundo Seu Zeca é um médico e mora em Salvador, não herdou nada daquelas terras. O irmão de Seu Zeca ficou com uma parte das terras, depois de gerar um documento alegando parentesco com o Sr. Clímaco. Seu Zeca nada herdou e demonstra um grande rancor pelo irmão que agiu de má fé, falsificando um documento. Seu Zeca e sua esposa, ambos de muita simpatia e solidariedade, dizem que não sabem sobre a história do Quilombo de São Braz e alega apenas que o Barão de Cajaíba, ilha que fica entre São Braz e São Francisco do Conde, era conhecido pelo pai do Sr. João Clímaco. Eu continuei questionando sobre a história da comunidade, mas ele insistiu que no Sobrado do Senhor João Clímaco, não teve escravos e que não sabia de mais nada da comunidade.

Ao sair da casa do “Seu Zeca” já era noite e Carla Bastos, que me levou até lá, me acompanhou até a o “Balaio de Gato”, comentando sobre a conversa que tive com o simpático “Zeca do Sobrado”. Ela concordou sobre a falta de conhecimento dele, que muito provavelmente não se atentava para a forma de trabalho daquele local, onde os funcionários deveriam morar na própria fazenda, criando um laço de familiaridade com a terra e a vez maior. Todos viviam da colheita da fazenda e do que ali era produzido, já que a Fazenda também era exportadora de Cana de Açúcar, Cajás e outros tipos de fruta, além dos serviços de pecuária. “Seu Zeca”, de modo muito ingênuo, foi um pouco de tudo ali, tido pelos detentores da fazenda e do Sobrado como alguém de confiança da família Clímaco.

Já era fim de tarde em São Braz e resolvi parar no bar de “Pepeu” para pegar os equipamentos e voltar para Santo Amaro. Todos que ali estavam me convenceram a ficar, e “Pepeu” me levou até Santo Amaro para pegar a mala e passar a noite recheada das conversas daquele povo bastante hospitaleiro e agradável. À noite estralada em São Braz foi propiciada



principalmente pela queda de energia que tomou praticamente a noite inteira. Vi uma São Braz ainda mais bela, onde a única iluminação na rua e na maré era da Lua que (por coincidência) estava cheia. No bar, estava “Dona Dora”, “Pety”, alguns integrantes do Grupo Samba Chula de São Braz, “Pepeu” e sua esposa, “Seu Helinho” e alguns conhecidos do que ali estavam. Este foi um dos momentos mais marcantes em toda trajetória deste trabalho, onde estive à noite, num local sem nenhum tipo de iluminação, cercada por pessoas que havia acabado de conhecer e que por ali ficaria até a noite do dia seguinte. Mas diferente de muitos outros momentos da minha vida, onde tive medo de pessoas que conheço há anos, naquele momento me senti muito acolhida e confortável, segura do que ali acontecia. Aproveitamos para falar deste trabalho, para explicar a procedência e o futuro dele. “Dona Dora” falou do Samba Chula e nos contou um pouco dos “relativos” que faria na inauguração da fonte. “Seu Helinho”, que não fala com Dona Dora por questões que ambos não quiseram contar, falava sobre o jogo do Time do Bahia que teria no dia seguinte e sobre as coisas que aparecem na comunidade, mas que nunca vão à frente. E enquanto todos aguardavam a chegada de energia elétrica, chegam “Pety” e mais dois amigos, fantasiados de funcionários da empresa geradora de energia, perguntando se era lá que tava precisando de eletricitista. Caímos na gargalhada e “Pety” com toda sua energia e alegria contagiou a noite com brincadeiras e piadas. Seguimos a noite à luz de vela, regados a alguns copos de cerveja.

No fim da noite, quando o problema da rede de energia elétrica foi sancionado, fui até Santo Amaro com Júnior Bahia, integrante do Samba Chula de São Braz. Conheci a Santo Amaro das músicas do cantor Caetano Veloso, onde os moradores colocam cadeiras na frente das casas para conversar, outros preferem ficar na janela, outros preferem se reunir com a família na sala de casa para boas gargalhadas, outros (como nós) preferem ir até um barzinho tomar cerveja, comer petiscos e ouvir uma boa música ao vivo. Depois de conhecer a cidade à noite e com outros olhos, volto para São Braz para dormir na casa de “Pepeu”, onde sua esposa preparou um quarto para que eu pudesse deitar e descansar depois de um dia intenso e extremamente proveitoso.

“Pety”, que me guiava na comunidade, já aguardava às 8h da manhã do domingo ensolarado, para começar o itinerário do dia, que se iniciou na casa de Seu João Saturno, mais conhecido em São Braz como “João do Boi”. Figura emblemática da comunidade e de expressão facial muito forte, porém extremamente simpática “João do Boi” é um senhor de 63

anos cantor do Samba Chula de São Braz desde os 10, quando ainda era recriminado pelos mais velhos, por ser muito mais novo e por uma questão de respeito, como ele mesmo conta. Começamos a conversa sobre o Grupo de Samba Chula de São Braz, que nos últimos anos, devido à grande expressão e difusão da cultura popular pelo mundo, tem feito apresentações em várias partes do mundo. O grupo, que é composto basicamente por 15 pessoas da comunidade, a maioria pessoas mais velhas, tem a Direção Artística de Katharina Döring e Assistente de Coordenação, Fernando de Santana. Fernando, nascido e criado em São Braz é um rastafári, proprietário do “Nando’s” no Centro de Santo Amaro, que posou com seus “dreads” em muitas fotos ao lado de pessoas ilustres da cultura brasileira, como Gilberto Gil, Regina Casé, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Roberto Mendes, Antonio Nóbrega, entre outros. Mas, voltando para a conversa com Seu João do Boi, que é também funcionário da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, pergunto a ele como se sente em tocar em países como Israel, Marrocos, Dinamarca e Portugal, que possuem culturas tão diferentes da nossa e imediatamente ele responde que, se sente muito orgulhoso disso, agora que o samba “tá” ganhando corpo e ficando muito famoso pelo mundo.

Comparece agora a mercantilização da cultura, intimamente associada ao desenvolvimento da “indústria cultural”. Tal processo indica antes de tudo, o avanço do capitalismo sobre os bens simbólicos e sem dúvida, é uma das premissas mais essenciais da noção de indústria cultural desenvolvida por Theodor Adorno e Max Horkheimer. (RUBIM e BARBALHO, 2007)

Entrando na seara da discussão sobre a questão do Quilombo, “João do Boi” e sua esposa, Dona Eunice que logo após alguns minutos de conversa resolveu entrar na roda, responderam que sempre tem a reunião do povo do Quilombo, mas que ambos nunca puderam ir apreciar. A palavra apreciar, utilizada de modo muito singelo e romântico pelos sambadores, tem seu significado no dicionário remetido ao ato de dar apreço, merecimento, estima. Numa avaliação pessoal, esta palavra tem uma relevância fundamental no discorrer deste trabalho, no sentido de que este é basicamente o sentido a ser dado pela comunidade ao trabalho desenvolvido pela associação, porém de modo mais qualificado. A palavra foi utilizada notoriamente no sentido de participar, se envolver ou compartilhar. A discussão da utilização dos termos estará sempre muito presente na execução deste projeto. Pois como dito anteriormente, a questão racial a partir do século XXI se torna recorrente, porém os termos utilizados nesta discussão é que acabam desqualificando o movimento e empreendendo outros significados ou amortizando as discussões apenas nas mazelas sofridas pelo povo negro.

Continuando as filmagens, caminhamos no mesmo percurso da casa de “João do Boi” e Dona Eunice, que me encheram de boas palavras e explicações sobre os relativos do Samba Chula, além de se mostrarem verdadeiros contadores de história. Logo após o “campinho” que fica nos fundos da casa da família Saturno, ficam as casas dos parentes de “João do Boi”. São casas extremamente humildes, de taipa, chão de barro, fogão à lenha. As condições de moradia ainda são muito precárias, já que no local também não tem sistema de esgotamento sanitário. Ali moram apenas marisqueiros e colhedores de cajá. Paramos na casa de Eliana Saturno, filha de “João do Boi”, que com poucas palavras, responde que a única coisa que ouviu sobre o Quilombo, é que tinha um pessoal de organizando em São Braz que ficava que nem os “Sem-Terra” em busca de casas para eles, mas que até então ainda não “chegou” nada. Ela encerra sua fala, dizendo que sabe só isso e logo muda de assunto, me convidando para comer um “feijão com mocotó” feito na panela de barro e cozido à lenha. O lugar, que apesar de carente de melhorias e boas condições de moradia, consegue ser tão aconchegante quanto à relação com Eliana, que assim como os outros moradores de São Braz, se mostra muito hospitaleira e acolhedora, e consegue provar que nada mais vale que um sorriso no rosto e uma boa conversa. Saio da casa de Eliana, com a certeza de que a abordagem utilizada pela Associação do Quilombo de São Braz em relação aos moradores, precisa de fato de uma qualificação, já que aqueles não possuem nenhum embasamento do que significa de fato o Quilombo, mas o que isto pode trazer de benefício físico e financeiro para a comunidade. Neste momento, fiquei até preocupada com o conceito e a esperança que estas pessoas, desprovidas de recursos financeiros e informativos, tem no Quilombo: casas? Dinheiro?

Eu e “Pety” seguimos a filmagem, agora acompanhados dos filhos de “Pepeu”, Mateus e Maurício, que deram um apoio já que tínhamos alguns equipamentos para carregar. No caminho, iluminados por um dia muito bonito, de céu azul e bastante ensolarado, encontramos muitas famílias que colocaram cadeiras à frente de casa para olhar a rua e conversar. Assim chegamos à casa de Messias Pereira, um senhor de 83 anos, mestre de capoeira e morador de São Braz desde que nasceu. Em sua casa de taipa, construída por ele mesmo, ele e sua esposa ouviam músicas de Zezé de Camargo e Luciano. Seu Messias, que tem três filhos, é um senhor muito carismático e que marcou muito este trabalho com a sua receptividade e simplicidade. Ele nos contou muito sobre São Braz e “Pety” mostrou muita consideração por ele, desde o trajeto, dizendo que estava me levando na casa do homem que

faz o Bumba-Boi. Seu Messias é um mestre popular nato, um homem de personalidade forte, porém muito embasado na importância que a cultura e o desenvolvimento cultural têm naquela comunidade. Quando falo do embasamento de Seu Messias, me refiro ao modo como ele vê a produção de cultura em São Braz, a partir da organização de festas, criação do Bumba – Boi e preservação de ações artísticas de seus antepassados. Seu Messias mostrou muita sabedoria no conhecimento prático da difusão, democratização e preservação cultural. Stuart Hall relata em seu livro “Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais” (2003) a existência do intelectual orgânico, que é aquele que está distinto do intelectual comum, já que age junto com a sociedade e se vincula a qualquer classe. Este intelectual orgânico é um difusor de conhecimento e não dissocia o trabalho teórico do político, além de estar vinculado ao saber prático.

Seu Messias nos conta da idealização de uma festa que fez sucesso na comunidade durante muitos anos, a “Festa dos Mentirosos”. Tudo começou com um Concurso de “mentiras” entre os pescadores da localidade, onde quem contasse a melhor mentira ganhava cerveja e alguns quilos de camarão. Mas com o passar dos anos, outras pessoas queriam participar do concurso, então o prêmio deixou se estendeu para uma maior quantidade de comida e bebida. Posteriormente, o evento já contava com a participação de artistas locais e convidados de Santo Amaro. Porém, Seu Messias alega que não quis mais fazer a festa, pois se iniciou uma guerra política entre os moradores, sendo que muitos deles queriam modificar ou acabar com a festa. Além de levantarem a necessidade de apoio policial, o que o mesmo indicou ser desnecessário, já que se tratava de uma festa pacífica, onde o principal objetivo era rir das mentiras que desta vez era contada em um palco. Com o passar dos anos, a festa foi reconhecida pela Prefeitura, que apoiava com cessão de segurança, banheiros químicos, suporte técnico e outros. Então, Seu Messias se retirou da responsabilidade desta produção e se afastou, argumentando que para ele não fazia mais sentido ter aquela festa, pois a partir de então, havia tumultos e muitas discussões.

Aquele senhor de barba branca e de pele bastante enrugada devido à idade e queimada pelo sol, foi decisivo ao compreender a falta de articulação entre a Associação do Quilombo e os Moradores, já que este declarou não ser associado. Quando o perguntei sobre a história do Quilombo de São Braz, ele argumentou que viu que os “Carambolas” tinham muitos conflitos com “o pessoal da Vila”. É válido ressaltar que a falta de informação da

comunidade sobre a sua história enquanto Remanescente de Quilombo perpassa pela falta de conhecimento da própria palavra Quilombola. Stuart Hall defende que a linguagem reflete a realidade, de modo que a representação do cotidiano é notada no modo como as pessoas se expressam. Na verdade, a vida é um conjunto de “afazeres” onde o todo, de certa forma, sempre vai refletir o individual, por isto também é importante falar de identidades individuais e coletivas.

As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas; por exemplo, o miliciano sérvio parece estar envolvido em uma difícil negociação ao dizer que os sérvios e os croatas são os mesmos e, ao mesmo tempo, fundamentalmente diferentes. Pode haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual, tais como as que podem surgir entre as demandas coletivas da identidade nacional sérvia e as experiências cotidianas que os sérvios partilham com os croatas. [...]

A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2007, p.57)

Para finalizar aquele domingo intenso de trabalho, fui até a casa de Lívia, mais conhecida na comunidade como “Vinha”. “Pepeu” já havia indicado que fosse até ela, por ser uma pessoa bem articulada, com boas intenções para aquele local. No caminho da casa de Vinha, que também é irmã de “Pety”, vi duas jovens senhoras sentadas com bacia no colo à frente de casa com um grupo de crianças. “Pety”, que assim como todos os lugares, se aproximou para fazer uma brincadeira, me apresentou para elas, dizendo que estava ali para fazer um trabalho sobre São Braz. Por coincidência, uma das jovens senhoras que limpava mariscos e estava aos cuidados de uma pedicure ao mesmo tempo, era Claudia, coordenadora financeira da Associação do Quilombo de São Braz. Perguntada sobre o objetivo da Associação, ela argumentou com poucas palavras que estavam nos primeiros passos, caminhando pela busca dos direitos de território, pois estão chegando uns “Gringos” querendo tomar o que é deles, e se fosse bom eles não iam fazer lá, foram para São Braz, pois vão destruir a comunidade. Mais uma vez a visão da comunidade sobre a existência da Associação aparece mais vinculada à construção do Resort, como se este fosse o principal quesito para a importância da instituição que representa e forma opiniões naquele lugar. A conversa com Claudia rendeu muito pouco, assim como alguns entrevistados, senti um distanciamento e falta de interesse em falar sobre a comunidade, ora por timidez, ora por aversão ao trabalho, já

que eu não sou a primeira a visitar aquele local em busca de aprimoramento e busca de informações, além de ir nas “entranhas” do local em busca de pesquisas.

É também da ordem do artifício produzir encontros para serem filmados ou seguir personagens durante anos. Porque não seis meses? Porque esses personagens e não os outros? Ora, porque documentários do coração do real, espontâneos, naturais, recheados de pessoas e situações autênticas; são sim gerados pelo mais “puro” artifício, na acepção literal da palavra: “processo ou meio através do qual se obtém um artefato ou um objeto artístico”, segundo o Dicionário Aurélio. (LINS, 2008, p.58)

Este trabalho teve uma característica muito peculiar por “pegar os entrevistados de surpresa”. Como dito pela autora Consuelo Lins, o documentário não brota do natural, espontâneo. Porém poucas foram as entrevistas pré – agendadas. Das 26 pessoas entrevistadas, apenas 11 foram agendadas. As outras foram feitas a partir da espontaneidade e informalidade. Por causa disto, creio que algumas informações foram suprimidas e outras foram ditas sem pensar, devendo-se à falta de planejamento prévio do discurso. Deste modo, este trabalho ganhou o caráter essencial da espontaneidade e naturalidade, dado de forma um pouco proposital. Isto permite uma compreensão maior do todo, pois talvez se pessoas como Paulo Anuniação (Chefe de Gabinete), Nildes (Coordenadora Administrativa da Associação do Quilombo), “Seu Helinho”, “Dona Dora”, Seu “João do Boi”, “Seu Zeca” e até mesmo “Pety” não teriam um discurso romântico em relação ao Quilombo, demonstrando o pouco ou muito conhecimento que tinha a respeito do assunto. Com exceção de Paulo Anuniação que já possui um histórico de atuação junto a militância negra e por causa disso já possui um discurso e consciência formada, os outros falaram o que sabiam de fato, sem recorrer a outras fontes, o que aconteceria caso a entrevista fosse pré-agendada. Por isso, ao serem abordados, eu sempre começava um diálogo explicando o teor do trabalho, meu objetivo na comunidade e pedia para que o entrevistado começasse contando o que sabia sobre a história de São Braz para a partir de então falar sobre o Quilombo.

Ao chegar à casa de Lívia, que fica em frente à pracinha de São Braz, me deparei com uma mulher com uma expressão simples, porém sofrida, típica de uma dona de casa que tem apenas a casa aos seus cuidados. “Vinha” é estudante de pedagogia, marisqueira e professora na Ana Judite de Araújo Melo. Ela já estava no meu aguardo para a entrevista, diferente das muitas que fiz, já que muitos entrevistados foram avisados no ato da filmagem. Determinada e em busca de concretização de bons projetos para São Braz, Lívia pontuou de forma bem clara que a falta de união e interesse dos moradores faz com que a comunidade

perca muitos benefícios, que vai desde a questão do patrimônio imaterial até projetos de incentivo, financiados principalmente por empresas do 2º e 3º setor. Lívia, que faz parte da Associação dos Moradores, Pescadores e Marisqueiros de São Braz, destacou a separação das associações, que se deu pela falta de consenso entre os participantes. Depois de fundada a Associação do Quilombo de São Braz, em 2009, Lívia foi apenas para uma reunião, onde se discutia o processo de execução de uma pesquisa para reconhecimento da comunidade enquanto remanescente quilombola. Ela diz que esta foi a única intervenção que viu da nova Associação na comunidade, além de afirmar que não participa das reuniões, pois a nova associação está mais preocupada em falar mal da antiga, a qual o presidente era “Seu Helinho”. “Vinha”, que assim como seu pai, é a favor da construção do Eco Resort, argumentando que se a comunidade fosse organizada não haveria perdas e prejuízos, pois as associações existem para assegurar os direitos do lugar. Depois de uma conversa bem esclarecedora com Lívia, finalizamos com um cordel que ela fez para a comunidade, que finaliza com o seguinte trecho: *“São Braz é uma terra muito legal, Lugar calmo e hospitaleiro de gente muito especial, Onde todo mundo faz arte de forma bem natural”*.

Após a conversa com Lívia, almocei no Restaurante de “Pepeu” e troquei conversas com alguns moradores que se reuniram na frente do local para fazer churrasco. Estava com a sensação de dever cumprido, de que valeu a pena ter ficado e encarado o medo e o preconceito. Certo dia, meu pai disse que eu falo com tanta propriedade de São Braz que parece que eu nasci lá e vou desde pequenina, e eu sou. Fazer este trabalho da forma como foi pensado e executado, foi o mesmo que fechar com “chave de ouro” a jornada na Graduação, considerando que este projeto terá um desdobramento ainda maior. Ele se constituiu como um resumo das minhas atuações dentro da Universidade, enquanto jovem, mulher, negra, oriunda da periferia e cotista.

A volta pra Salvador foi feita com uma carona no carro de um amigo de “Pepeu”, que se sentiu sensibilizado com a minha coragem e estar voltando pra Salvador sozinha e cheia de sacolas e equipamentos. No caminho, viemos eu, ele e sua esposa, conversando sobre o trabalho que desenvolvi naquele final de semana e estes se mostraram muito curiosos para saber o resultado, já que conhecem São Braz há alguns anos e não entendem porque aquele lugar parece ser tão abandonado pelo Poder Público. Falaram inclusive da igreja do cemitério, que segundo informações dos moradores, foi construída por escravos e hoje está em ruínas.

No bate-papo que levantou algumas questões sobre a falta de união dos moradores e as conseqüências que isto pode ter, pensei inúmeras vezes em que direcionamento daria ao trabalho, agora com entrevistas polemicas, que poderiam gerar uma discussão ampla sobre a questão do quilombo ou aumentar ainda mais a falta de articulação na comunidade.

Até então, o discurso do documentário já estava consolidado. O cronograma estava sendo executado conforme o previsto e apenas faltavam entrevistas com instituições governamentais, escolas e pesquisadores/ intelectuais do assunto. O viés abordado seria baseado na discussão sobre a existência da Associação do Quilombo de São Braz e a sua atuação na comunidade, analisando as formas de abordagem com os moradores; entendimento da comunidade sobre o que é quilombo e sobre o que é ser quilombola; história de São Braz e entendimento do por que é considerada Comunidade Remanescente de Quilombo e de que forma o auto reconhecimento de identidade pode ser reafirmado e qualificado. A partir de então, fui à procura da pessoa - chave na discussão deste trabalho, Amália Patrícia, Coordenadora da Comissão de Gênero e Raça de Santo Amaro. Considerada como uma das pessoas mais importantes para a consolidação do discurso deste trabalho, Amália foi a idealizadora do 1º Encontro de Remanescentes de Quilombo de Santo Amaro, evento que foi motivador na escolha da comunidade a ser estudada. Foi ela também quem me apresentou a “Pepeu”, representante de São Braz na Prefeitura, enquanto encarregado do setor de produção. Em muitas idas e vindas a Santo Amaro, a conversa com Amália foi importante para a delimitação da questão a ser abordada no projeto, já que seu entendimento acerca da situação da questão racial é um dos mais qualificados nos órgãos competentes do município.

Na entrevista com Amália, ela explanou de forma ampla, a existência da Comissão de Gênero e Raça de Santo Amaro, a qual é coordenadora desde o início de 2011, mas que o órgão já existe a 10 anos, tendo como fundador Paulo Anunciação, atual Chefe de Gabinete do Município. A entrevista com Amália foi embasada num discurso em que a todo o momento era remetido a fatos históricos, considerando que a história do Quilombo é fundamentada em todas as mazelas sofridas pelo povo negro ao longo dos séculos. A Comissão de Gênero e Raça está focada no mapeamento das Comunidades Quilombolas de Santo Amaro, bem como na criação da Associação das Mulheres de Axé, originada a partir de um questionamento dentro da Secretaria de Assistência Social do Município que atende muitas mulheres adeptas ao candomblé que são vítimas de preconceito e violência. Amália julgou necessária a criação



desta Associação, considerando que estas mulheres são fundamentais na história de Santo Amaro, enquanto berço da cultura popular e na religiosidade de matriz africana. Ela argumenta que estas mulheres sobrevivem muitas vezes do Programa Bolsa Família, Bolsa Escola e Vale Gás, todos financiados pelo Governo Federal. Porém, o mérito da cidade ser reconhecida internacionalmente pela sua herança cultural, parte principalmente destas mulheres, que viram modelos na Festa do Bembé de Santo Amaro, que acontece anualmente no mês de abril, são estas mulheres que fazem os vestidos e movimentam o turismo local, sem ter um sustento ou remuneração pelo trabalho que fazem. De fato, Amália aborda a questão da economia solidária como uma saída para o desenvolvimento local, já que estas mulheres são verdadeiras artesãs, produzindo vestidos e adereços utilizados nas festas de matriz africana. Além da Associação das Mulheres de Axé, que tem como presidente Consuelo Silva (escolhida pelos búzios) a Comissão de Gênero e Raça ao longo dos dez anos de existência limitou-se muitas vezes para a discussão da questão racial, mas não conseguiu ainda criar Políticas Públicas voltadas para a Comunidade Negra, junto ao Poder Legislativo. Em entrevista, Amália ainda levantou a discussão de que a falta de Políticas Públicas de Raça na cidade, se dá pela não - afirmação de identidade dos próprios habitantes, onde muitos se consideram muito mais indígenas do que quilombolas por exemplo. Lembrando a discussão das “Relações de Poder” argumentadas pelo autor francês Foucault, ressaltou também que o mérito de Santo Amaro ter as comunidades Quilombolas é todo das Associações, que após o Governo Lula, tem ganhado poder e força. Nesta questão trouxe a discussão do poder, do lugar onde o ele se concentra e se fecha.

Paulo Anunciação, Chefe de Gabinete da prefeitura de Santo Amaro e também entrevistado, é assim como Amália, uma peça-chave na consolidação deste trabalho. Foi ele quem fundou a Comissão de Gênero e Raça, assim que iniciou suas atividades políticas na Prefeitura do Município há cerca de dez anos. Como ele mesmo afirmou em entrevista, o debate sobre a questão quilombola ainda é novo na sociedade de Santo Amaro, que apesar do peso histórico e cultural, ainda cultua artistas locais e famílias tradicionais, ao invés de afirmar através de Políticas Públicas. Ele também argumenta que sua presença na Prefeitura enfatiza ainda mais a importância da discussão racial, já que sua atuação no local é considerada uma quebra de paradigmas, já que é negro e rastafári. O envolvimento de Paulo com a militância negra data desde a década de 90, quando ainda gari na cidade de Salvador, participou dos movimentos contra a privatização da Limpurb – Empresa de Limpeza Urbana

de Salvador, sendo vítima do então prefeito da capital, Antonio Carlos Magalhães. Paulo sempre foi conhecido por ser polêmico e emblemático. Após o início da atuação junto à militância negra, Paulo se candidatou vereador de Salvador e depois deputado, sendo suplente de Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Júnior. Na Assembléia Legislativa criou a Comissão da Igualdade Racial, hoje coordenada pelo então Deputado Bira Coroa.

Em entrevista, Paulo declarou que acha que a discussão do Quilombo em São Braz encontra-se muito “guetizada” e que apenas uma parcela da comunidade discute esta questão, sendo que é algo que abrange um todo. Ele também afirmou ser a favor da construção do Eco Resort da Ilha de Cajaíba, alegando que é importante discutir com os empreendedores uma forma de garantir os direitos da comunidade e saber o que será preservado na cultura local dentro do projeto do empreendimento. Por ser favorável à construção do Eco Resort, Paulo não é bem – vindo às reuniões da Associação do Quilombo, coordenada por Nildes, que deixou claro em entrevista que não é necessária a participação de ninguém do estado ou do governo para as discussões da comunidade, argumentando ainda que o Chefe de Gabinete ia para as reuniões fazer registros com fotos e vídeos. Anunciação acredita que o empreendimento trará muitos benefícios para a comunidade, como geração de empregos e desenvolvimento econômico. Ele ainda levanta o questionamento de que se ele fosse pescador, passando por várias dificuldades inclusive financeiras, ele jamais desejaria que seu filho fosse um pescador também. Esta fala aparece no documentário, em contraste à fala de Valdeci, pescador desde os dez anos de idade, que em sua entrevista se limitou a falar do amor que tem pela pesca e pelo mar, alegando que a sua vida é isso.

O contato com Paulo Anunciação foi estabelecido por telefone, antes da viagem para Santo Amaro numa sexta bastante ensolarada. Neste mesmo dia, que já havia entrevistado Amália Patrícia e almoçado em sua casa, fui levada por ela mesma à Consuelo Silva, representante da Coordenação da Diversidade Étnica da Secretaria de Educação da cidade. Ela, que também é Presidente da Associação das Mulheres de Axé, já estava à minha espera, pois Amália já tinha feito contato prévio para saber da sua disponibilidade. Encontramos-nos na sede da Secretaria mesmo, onde montei o equipamento e pude constatar uma grande evasão de funcionários, já que se tratava de uma sexta à tarde, turno o qual os setores públicos do município funcionam em sua maioria até as 13 horas.

A entrevista com Consuelo perpassou por sua participação na Associação das Mulheres de Axé até o ensino da História da África nas escolas de Santo Amaro. A sua história junto à Associação começou a partir de uma indicação de Amália, que a via articulada entre as “mulheres de santo” além de tê-la como referência para discutir a questão na cidade. Ela hesitou em ser a presidente, alegando que não se sentia preparada e achava que não era a pessoa mais indicada para cumprir este papel, tido como fundamental. Foi então, que Amália propôs que houvesse da forma mais adequada ao assunto e ao tipo de associação, uma eleição através dos búzios. No candomblé, os mais velhos são os responsáveis por jogar os búzios e por toda e qualquer decisão que envolva o terreiro.

Muitos dos conceitos básicos que dão sustentação à organização da religião dos orixás em termos de autoridade religiosa e hierarquia sacerdotal dependem do conceito de experiência de vida, aprendizado e saber, intimamente decorrentes da noção de tempo ou a ela associados. As noções de tempo, saber, aprendizagem e autoridade, que são as bases do poder sacerdotal no candomblé, de caráter iniciático, podem ser lidas em uma mesma chave, capaz de dar conta das contradições em que uma religião que é parte constitutiva de uma cultura mítica, isto é a-histórica, se envolve ao se reconstituir como religião numa sociedade de cultura predominantemente ocidental, na América, onde tempo e saber tem outros significados. (REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2011)

A resposta dos búzios, que foram jogados três vezes consecutivas, foi que a presidente deveria ser alguém de “Onira”, orixá guerreira, ninfa das águas doces, com ligação direta com o culto dos Eguns (almas). A única pessoa que estava ao redor do jogo e que era de “Onira” era Consuelo, que ainda continuou hesitando a sua participação na Associação enquanto presidente. A mãe de santo, que ali presidia a sessão, disse que o tempo de “santo”, termo dado àquele que é adepto ao candomblé por batismo não julgava a competência do escolhido; se os búzios a escolheram, é porque ela possui o perfil e vai conseguir guiar a Associação. A partir de então, Consuelo Silva vira a presidente da Associação das Mulheres de Axé de Santo Amaro, tendo o apoio da Comissão de Gênero e Raça do município. Segundo a presidente, os objetivos da do órgão ainda estão em processo de estruturação, já que a fundação partiu de uma idéia de Amália ao assumir a Comissão. Mas adiantou que dentre os objetivos que estão sendo discutidos, está a criação de um Conselho das Mulheres de Axé, consolidando a importância que estas tem para a cultura local, reconhecendo principalmente o seu trabalho através da economia solidária, onde o produtos feitos de modo artesanal como vestidos, toalhas e quitutes, ganhem o devido valor econômico. Este Conselho

será criado a partir do mapeamento dos Terreiros presididos por mulheres, que já está sendo feito pela Comissão.

Em oposição à proposta da Comissão de Gênero e Raça e da Associação das Mulheres de Axé, há anos existe a Associação das Pessoas de Axé de Santo Amaro, criada por Paulo Anunciação. O mesmo, afirma que concorda com a relevância das mulheres no que tange a religião de matriz africana, mas que homens e mulheres deveriam estar reunidos em um único local, discutindo as questões do candomblé e do reconhecimento dessa religião na cidade, pois este debate envolve um grupo como um todo, não se restringindo apenas às mulheres. Destacou inclusive em sua entrevista, que sempre chama a atenção de Amália Patrícia para que a Comissão de Gênero e Raça não deve existir apenas para discutir as questões que tangem o sexo feminino, mas o Gênero como um todo, abordando também o sexo masculino e os homossexuais. Ainda sobre isto, destacou que em Santo Amaro, ele é reconhecido por ser pelos negros e Amália por ser pelas mulheres.

Consuelo Silva falou um pouco sobre o ensino da história da África nas Escolas de Santo Amaro, a atuação da Prefeitura nas escolas das Comunidades Remanescentes de Quilombo e o desenvolvimento e execução da Lei 10.639 em Santo Amaro. Ela está à frente da Coordenação da Diversidade Étnica da Secretaria de Educação, que foi criada recentemente, há cerca de cinco meses, sendo indicada pelo Secretário de Educação, o Senhor Teles Campos. Ela argumentou que os professores de Santo Amaro não possuem um preparo para o ensino da História da África, muito menos com a Lei 10.639. Destacou que é importante haver a mudança do currículo dos professores para a execução da Lei 10.639, pois em 11 de agosto deste ano, os professores receberam o material didático, mas que este assunto ainda é muito novo na cidade e pouco discutido. Ela indicou que é preciso haver a valorização do grupo, pois o Quilombo deixou de ser o local de negro fugido e que até então, isto não era dito para a sociedade de Santo Amaro. Com a nova gestão, é que este debate começa a ser modificado, ganhando mais ênfase principalmente na importância da cultura negra e afirmação de identidade para a cidade. Sobre isto, Amália também, disse em entrevista, que é preciso identificar onde está o racismo, saber se estes professores assumem que são ou já foram vítimas do preconceito racial. Consuelo destacou com uma fala muito relevante e fundamental no final da nossa conversa, que tem certeza que a educação é o passo principal

para que a afirmação de identidade realmente aconteça, pois aquele que sabe da sua origem e da sua história de forma efetiva, verdadeira e digna, não tem porque dispensar tal identidade.

A partir da entrevista com Consuelo, fiquei embasada de questionamentos para abordar junto aos representantes das escolas de São Braz. Foi então, que no último dia de filmagem, fui até a escola Ana Judite Araújo Melo, conhecida em São Braz como “Ginásio” por ser a maior da comunidade. Antes de ir até lá, marquei com Livia Oliveira, “Vinha”, que dá aulas na escola. Neste dia, fui de carona até Santo Amaro com o orientador deste trabalho em seu carro particular, já que ele foi dar continuidade ao projeto de extensão do ACC na comunidade de Acupe, que também é Remanescente de Quilombo. Chegando à escola, fui recepcionada por “Vinha”, pela Coordenadora Pedagógica e pelo Diretor da Escola. Por coincidência, neste mesmo dia houve uma reunião de pais com alguns alunos, que representariam as quatro turmas, da 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> série. Estes alunos foram escolhidos pelos professores, sem haver um indicativo para a escolha, desta forma, percebi nos quatro alunos que se encontravam numa sala para o início da reunião, uma indiferença e desgosto em estar ali.

Neste dia, me senti como um “peixe fora d’água” estando com pessoas que não estavam interessadas no assunto e que pouco importava o resultado daquele encontro. A reunião teve como pauta a discussão e avaliação sobre a atuação da escola junto à comunidade, divulgação das ações e atividades que ali aconteciam e propostas de melhoria para a mesma. O objetivo era a formulação de um guia, a ser elaborado pela Secretaria de Educação, para um modelo de gestão escolar que envolva a comunidade e aproxime a família da escola, considerando que a união entre casa e escola é fundamental para a evolução do aluno. Diferente de outros momentos deste trabalho, onde me tive poder e superioridade para enfrentar os preconceitos e desconfianças do outro, neste dia entrevistar aqueles alunos foi a parte mais árdua. E eu não discordo da falta de vontade deles em estar ali. A luta política deve partir de uma iniciativa própria, de um interesse de si mesmo pelo que é abordado. Talvez algumas políticas públicas tenham dificuldades na execução, devido à falta de interesse dos cidadãos, que por não terem conhecimento do assunto ou por não estarem envolvidos com a temática, não sentem vontade de fazer parte do movimento. Portanto, obter alguma informação dos alunos durou por um tempo que naquele momento pareciam horas. Primeiro porque eles não sabiam o que era Quilombo e depois porque estavam muito tímidos. Andreia,

aluna da 8ª série, logo adiantou que não gostava de falar de seu assunto, pois quando vê alguém falando sobre o Quilombo ela se afasta. Quando a perguntei do porque ela não gosta, ela respondeu: “Sei lá, porque eu não gosto!”

A conversa com os alunos continuava até o início da reunião. Na tentativa de extrair alguma informação dos jovens, acabei por explicar um pouco mais sobre o Quilombo, tática não utilizada em outras entrevistas. Altair, aluno da 5ª série, disse que ouviu uma vez que a igreja do cemitério foi construída pelos escravos. Os outros apenas concordaram com ele. Maurício, aluno da 7ª série e que já conhecia o trabalho por ter me visto com Pety pelas ruas de São Braz, disse que ouviu dizer que “está chegando mais pra comunidade, que vão construir quadras de esportes, casas, essas coisas”. Enquanto a conversa fluía, eu os indagava mais a partir das palavras que eles traziam. Foi então que Altair, que só sabia mesmo que lá era Remanescente de Quilombo. Eu perguntei por que ali era considerado então Remanescente de Quilombo e com dúvida, ele respondeu que era porque ali tinha uma tribo de índios. Enfatizei uma pergunta com a mesma resposta e ele afirmou que sim. Amália Patrícia já havia destacado em sua entrevista, que na última pesquisa do IBGE, a maior parte dos cidadãos de Santo Amaro se declarou mais índios do que quilombolas. Alguns questionam que naquela região, moraram alguns índios que foram escravizados nos engenhos que ali existiam. Essas informações não foram confirmadas em dados oficiais.

A reunião não foi registrada em vídeo. A pedido do diretor da escola, William, a câmera foi desligada para não intimidar os participantes. Mas eu continuei na sala e em alguns momentos chamada a falar algumas palavras. E mais uma vez percebi um distanciamento e falta de interesse dos participantes, agora não só dos jovens, como dos seus pais e alguns professores. A discussão foi iniciada com um texto, utilizado como guia para a condução da reunião. O texto, que falava da união entre escola e família, relatava de forma sucinta os benefícios e as conseqüências na relação entre estes dois pilares da educação. Porém, o texto trouxe para o encontro a responsabilidade da educação, que muitas vezes é determinada para a escola, sendo que algumas ações devem ser desenvolvidas pela família e outras entre a família e a escola. A partir de então, iniciou-se uma discussão sobre as responsabilidades de cada um. Das mães que estavam presentes, uma delas era Claudia, mãe de Maurício e Coordenadora Financeira da Associação do Quilombo de São Braz, argumentaram que a parceria é importante para o fortalecimento da educação do jovem, mas que a escola não deve se isentar

das responsabilidades de educar o “menino”. Ela acredita que ao longo dos anos algumas práticas sociais foram deixadas de lado, como o pedir a “bença” aos mais velhos, dizer um bom dia ou boa tarde. Mas que os professores não devem se limitar apenas ao conteúdo programático, pois o aluno perde a vontade de frequentar a escola, por se tornar monótona e enfadonha. “O jovem precisa de movimento, de algo que faça com que venha pra escola. Não só as matérias e a nota”.

Após a discussão sobre a responsabilidade da educação, começou-se uma avaliação a partir de um instrumento avaliativo. A princípio houve uma confusão no condicionamento da reunião, o diretor e a coordenadora não entraram num consenso de como direcionar o preenchimento da avaliação. O questionário perguntava sobre o funcionamento da escola, que ia desde o atendimento dos funcionários até o lanche servido aos alunos; divulgação dos eventos da escola na comunidade; participação da escola em discussões da comunidade; existência de informativos na escola, como mural, revistas, jornais, etc.; estímulo aos alunos à consulta a outros tipos de materiais didáticos e informativos, como jornais, livros, filmes, etc.; relação do corpo docente com familiares. As alternativas para resposta eram Ótimo, Bom, Regular, Ruim, Não sei. O diretor informou ao grupo, que as respostas eram secretas, porém leu as perguntas em voz alta e explicava no decorrer da leitura o direcionamento da resposta, como por exemplo: “O mural que fica na sala dos professores é uma forma de divulgação”. “A coordenação envia pelos alunos informativos sobre as coisas que acontecem na escola”. De fato, a reunião foi guiada pelas opiniões dos professores e as respostas não foram secretas, já que eles compartilharam as respostas entre si.

Após a reunião, ficou apenas a professora Frida Velame (Artes), Livia Oliveira (Pedagoga), Rita de Cássia (História da África) e William (Diretor/ Professor de História). Eles propuseram dar entrevista apenas em grupo, em forma de bate-papo, para que a conversa fluísse melhor. Percebi que eu teria problemas na captação da imagem e do áudio, de forma que tinha apenas uma câmera, um tripé e um microfone direcional para um grupo de quatro pessoas. Ainda assim, no intuito de aproveitar a oportunidade concedida, fiz a filmagem, mesmo sabendo que alguém seria sacrificado em não aparecer no vídeo ou aparecer “cortado” devido ao enquadramento da câmera.

O bate-papo começou com uma pergunta direcionada a cada um sobre o seu desempenho na Escola no que tange a Educação Quilombola. A primeira a responder foi a

professora de Artes, que argumentou que em suas aulas aborda desde a História da Arte como um todo e ao longo das séries, vai fragmentando para as diversas regiões e formas de fazer arte, mas que devido à realidade dos alunos que moram numa comunidade remanescente de Quilombo, ela sempre prefere dar um enfoque nas questões culturais e artísticas locais. O diretor, William, direcionou sua resposta para uma atuação mais ampla, dizendo que a Escola tem se preocupado com a participação da comunidade na escola, aproximando através de eventos sócio-educativos, que envolvam os moradores com coisas que são produzidas lá mesmo. A professora de História da África se limitou a responder que os meninos, que eu havia entrevistado no início da reunião, não sabiam exatamente o que era Quilombo, pois em História da África e Indígena não se fala somente do “Quilombo” e que este assunto só é tratado a partir da 7ª série. A professora continuou argumentando que anualmente a Secretaria de Educação envia um conteúdo programático para a escola e que ela não podia fugir muito deste, já que a própria Secretaria cobra um retorno. Finalizou a sua fala mostrando alguns artesanatos feitos pelos alunos no Dia do Folclore, quando houve uma semana de apresentações folclóricas na escola e no último dia, uma exposição com o que foi produzido no decorrer da semana, apresentação do bumba-meu-boi, maculelê. Ela também frisou que houve a participação dos artistas locais e que os meninos fizeram um cartaz com a figura de zumbi e apresentações com o bumba-meu-boi feito por Seu Messias. Em entrevista a Amália Patrícia, ela argumentou que acha um absurdo Santo Amaro comemorar o Dia do Folclore, onde o negro ainda é tido como o macaco, o saci, a “Tia Anastácia”. Infelizmente a cultura negra ainda é tida como o espetáculo.

Nessa perspectiva, o espetacular deve ser sempre encarado como construção, social e discursiva, como enfatiza Murray Edelman em seu livro sobre a construção do espetáculo político (1988) [...]

Requena, além de assumir o caráter de construção do espetacular, reconhece a possibilidade do espetáculo ser portador de sentido. Em uma dicção lacaniana, ele diz da necessidade que dispositivo da simbolização se introduza entre o espectador que olha e o corpo que se exhibe para que o espetáculo adquira um determinado sentido (Requena, 1998, p.66). Assim, a multiplicidade de dimensões concorre, mas não inviabiliza a produção de sentido. Caberia, então, questionamento acerca de qual o leque possível de sentidos que podem ser acolhidos pelo espetáculo. Antes disto, faz-se necessária uma digressão sobre as relações entre espetáculo e mídia para buscar uma redefinição rigorosa da noção de sociedade do espetáculo.

Entretanto, do mesmo modo que o pensamento, desde os “filósofos da suspeita” (Marx, Nietzsche e Freud) até os frankfurtianos Adorno e Horkheimer e, mais recentemente, Foucault, impossibilita uma ingênua



identidade entre razão, verdade e emancipação, também se torna improvável uma simplificadora identificação entre espetáculo, falseamento e dominação, sem mais. Os espetáculos e os procedimentos, enfim, tornam-se novos e essenciais campos de disputa, desiguais, como a sociedade capitalista em que ainda vivemos. (Facultad de Periodismo y Comunicacion Social, 2011)

O direcionamento da roda de conversa chegou num ponto crucial, o qual eu guiei para ouvir as respostas mais adequadas ao seguimento do projeto. O auto-reconhecimento da comunidade enquanto Remanescente de Quilombo e a participação da escola no que tange a afirmação de identidade. Na conversa, ficou perceptível a pouca atuação da escola em outros segmentos da comunidade, a começar pela professora de Artes que desconhecia a existência de duas Associações de Moradores. Eles argumentaram que esse distanciamento se dá pelo fato de quase todo o quadro de professores ser composto por pessoas que moram em Santo Amaro e que por isso, não podem viver o cotidiano de São Braz ativamente, que isto só é possível através dos relatos dos alunos. Neste momento, Lívia, que é moradora da comunidade, questionou a falta de valorização da comunidade por seu trabalho, que os moradores admiram e reconhecem o trabalho dos professores de Santo Amaro, mas que o dela é deixado à margem como se não tivesse competência para exercer o cargo que lhe foi incumbido. No decorrer da conversa, destaquei algumas observações pessoais acerca do reconhecimento de identidade dos moradores, a partir do que eu já havia captado. Então destaquei a percepção que tive sobre o conhecimento deles sobre o que é Quilombo e sobre o que é ser Quilombola, que está muito mais atrelado a uma questão de beneficiamento financeiro do que uma questão de consciência política. Lívia logo argumentou que isto se dá pela atuação da Associação do Quilombo de São Braz, que está muito mais interessada no benefício financeiro que a comunidade ganha em ser Remanescente de Quilombo do que na Consciência do que é Ser Negro, do que é ser Remanescente de Quilombo. William finalizou dizendo que o maior reconhecimento que a comunidade pode ter é um legado histórico, um reconhecimento identitário de luta, batalha e união. Que a comunidade deveria agradecer, pois lutaram, brigou e hoje estão sendo reconhecidos, mas que infelizmente não é isto que acontece e esta visão está implícito nas turmas, a começar pelos alunos que discriminam os colegas que são adeptos ao candomblé e que, pelos preceitos da religião, fazem alterações físicas, como cortes na pele e de cabelo.

Neste momento, percebi que o documentário já estava pronto e direcionado. Existia o problema, a argumentação do problema e a provável solução. De fato, o documentarista não

trabalha com um roteiro pré-determinado, mas no decorrer do trabalho, o documentário vai ganhando uma forma, determinada pelo tempo, pelos personagens e pelo olhar da câmera. A partir de então, as perguntas começaram a ser mais bem guiadas, deixando de ser somente “Você sabe o que é Quilombo?” “Você se considera Quilombola?”

A entrevista com o grupo da escola foi decisiva para seguir em direção à casa de Nildes, que citei em muitos momentos no processo de produção. Devido os desencontros, só consegui entrevistá-la no último dia de filmagem em São Braz, ainda assim, sem agendamento prévio, o que a intimidou um pouco. Nildes de Oliveira é coordenadora Administrativa da Associação do Quilombo de São Braz. Ela hesitou em dar a entrevista, argumentando que não estava preparada, além de estar “desarrumada”, mas insisti argumentando que estive em São Braz diversas vezes e não a encontrava, além de tentar falar por telefone e não consegui. Ainda expliquei que este trabalho se constitui enquanto ferramenta de ação da própria comunidade, que pode se auto-afirmar a partir da sua história. Ela aceitou falar sobre sua atuação política na comunidade, destaca inicialmente por Amália Patrícia, quando a indicou para ser a primeira pessoa de São Braz que eu deveria falar sobre a questão do quilombo. Nildes, se sentindo aparentemente muito desconfortável em dar a entrevista, é uma pescadora, membro da Pastoral da Pesca e moradora de São Braz desde que nasceu. Pedi que ela começasse a falar um pouco de como surgiu a discussão sobre o Quilombo de São Braz e ela, muito superficialmente, explicou que as pessoas começaram a falar sobre a história da comunidade, que então eles viram que a história do lugar tinha tudo a ver com a questão do quilombo.

Em entrevista, Nildes afirmou que depois da hipótese da construção do Eco Resort, que segundo sua opinião, vai destruir a comunidade, os moradores estão se aproximando mais da Associação do Quilombo e que como forma de abordagem os membros associados falam da importância de se assumir quilombola, pois existem muitos projetos direcionados para a questão. Nesta argumentação, ela cita o Programa Bolsa Família, que foi mais bem direcionado para a comunidade após a titulação pela Fundação Palmares; sendo assim, Nildes argumentou que quando chegam os recursos a associação justifica que “chegou porque é quilombola”. Ela se limitou nas explicações, falando que muita coisa eu já ouvi dos outros moradores e que de fato, cada morador contou uma versão diferente sobre o Quilombo. Foi então que questioneei essa diversidade de opiniões acerca da questão, fato percebido durante

todo o processo de captação de imagem. A fala dela está embasada na falta de participação das pessoas nas reuniões da Associação, que por causa disso muita gente não sabe falar sobre isto. Na tentativa de ouvir um pouco mais de Nildes, usei a mesma tática utilizada com os alunos da Escola Ana Judite Araujo Melo, comecei a discutir o termo Quilombo e falar da experiência que tive nas filmagens em São Braz e da importância que este trabalho tem para mim e para a comunidade. Foi então que começamos a conversar sobre o Projeto do Eco Resort, momento em Nildes se sente mais a vontade e fala das batalhas que enfrentou para barrar a obra. Ela se orgulha de todo o esforço que empreendeu contra a construção e alega que está muito feliz com a conquista. Nildes questionou as ofertas que a Property Logic fez aos moradores, prometendo empregos e preservação do meio ambiente, além de manter a atividade dos pescadores sem consequências ambientais. Porém, ela argumenta que um empreendimento deste porte, que contaria com a construção de um porto, quadras de golf, Jet Skis, entre outros, iria traria que benefício pra comunidade? Então ela questiona o barulho das pessoas, carros, helicópteros e Jet Skis que incomodarão os peixes, além de não existir demanda para os trabalhadores locais, já que estes não possuem qualificação para o tipo de trabalho a ser exercido. Ela concluiu que a Prefeitura não ia dar prioridade a estas pessoas, mas se instalaria em Santo Amaro, uma Faculdade de Turismo para formar pessoas só para trabalhar no hotel ou os empreendedores trariam funcionários de outros lugares, até mesmo de outros estados.

Por coincidência, fui convidada a ministrar aulas de História dentro de um projeto da Secretaria de Turismo do Estado. O projeto, que formará pessoas para trabalhar com o Turismo Étnico, foi criado com o objetivo de capacitar trabalhadores para a Copa do Mundo de 2014, a qual o Brasil sediará. O projeto que está sendo ministrado em cinco cidades do Recôncavo simultaneamente tem uma carga horária total de 200 horas e priorizou o público que já atua no mercado de hotelaria, gastronomia e vendas. Tendo como alunos, pessoas acima de 18 anos, as discussões em sala eram intensas. Eles se mostravam muito politizados e indignados com a atual situação da cultura de Santo Amaro, alegando sempre a invisibilidade da cultura local nos meios midiáticos e de poder. Outro problema grave destacado, foi a empregabilidade. Segundo os alunos, as empresas sediadas na região, priorizam moradores de outras cidades como de Salvador. O índice de empregos informais é grande. Nas turmas em que eu ministrava as aulas, quase 80% dos alunos, eram vendedores de produtos como AVON e Natura, artesãos, pescadores, feirantes, outros eram estudantes ou estavam desempregados

há muito tempo. Poucos eram funcionários públicos ou do setor privado. Fazer parte deste curso, enquanto professora, foi uma experiência muito gratificante, pois em toda minha vida, sempre aleguei não ter desejo em ser docente, em ter que estar à frente de uma sala de aula. E o fato de ser professora nesta etapa da minha vida foi ainda mais importante e surpreendente. A existência deste curso confirma o discurso trazido por Nildes, quando ela afirma que “vai chegar a Faculdade de Turismo em Santo Amaro”. Este foi apenas um Curso de Capacitação, mas que prioriza a formação de pessoas para atuar junto a empresas e instituições que vão receber o público da copa.

Talvez, se eu tivesse entrevistado Nildes logo na primeira vez que fui a São Braz, o trabalho ganharia um rumo diferente. Em sua fala, ela enfatizou que a comunidade se afirma enquanto quilombola, que estão conscientes do significado do que é Ser Quilombola. Em entrevista, Nildes também afirmou sobre a importância da ilha de Cajaíba para a comunidade, não somente pelo seu teor cultural e histórico, como também por ser considerado o berçário do peixe, marisco e do cajá. Ela finalizou a sua fala, depois de vários questionamentos feitos em conversa, que além de o Resort não oferecer emprego, o pescador será impossibilitado de ir trabalhar à vontade como de costume, com roupas velhas, rasgadas ou até mesmo com roupas íntimas. “O empreendimento vai obrigá-los a ir trabalhar de paletó e gravata”.

Depois de finalizada as entrevistas em São Braz, fiz as últimas entrevistas deste trabalho. Ainda em agosto, fui recebida pelo Instituto Steve Biko, para explicar sobre o projeto e a sua proposta. Porém neste período, ainda em processo de filmagem em São Braz, eu não tinha reconhecido o problema da auto-afirmação de identidade e o discurso de abordagem da Associação do Quilombo com os moradores. Logo, mais uma vez destaco que o roteiro do documentário é montado ao longo do seu desenvolvimento. As entrevistas com os representantes da “Biko” foram direcionadas para a disciplina CCN – Cidadania e Consciência Negra. Entrevistei o Coordenador do Curso Pré – Vestibular da instituição, Pedro Roberto e uma aluna, Bianca Souza. Pedro, que foi aluno do instituto e monitor da turma em que freqüentava as aulas para concorrer ao vestibular das Universidades Públicas de Salvador, explicou com amplitude sua formação, percurso na instituição e o histórico da Biko junto à comunidade negra. A instituição possui um modelo metodológico, que permite e prioriza que os professores sejam ex-alunos da casa. Pedro começou como aluno, depois voltou como monitor, professor de CCN em estágio docente e logo após a finalização da graduação em

Pedagogia na UFBA, foi convidado para ser o coordenador do Curso Pré- Vestibular. Bianca, que entrou na instituição neste ano, relatou o seu histórico na instituição. Ela que mora na comunidade do Bom Juá, localizada na periferia de Salvador, pretende fazer vestibular para Direito e durante a sua entrevista foi explicativa ao dizer sobre a sua baixa auto-estima. Ela argumentou que entrou no Instituto Steve Biko sem nenhuma esperança de passar, mesmo que nos simulados que a instituição aplica para os alunos em sala de aula. Indicada por uma amiga, ela se candidatou para a prova de seleção e entrevista, ao ver o seu nome na lista dos aprovados para o ingresso à instituição, ela diz ter sentido a sensação de estar “entrando” para a Universidade. Hoje em dia, a instituição oferece aos alunos, uma ajuda de custo para transporte e em todas as aulas, os jovens ganham lanche. Este recurso, que é foi adotado recentemente após o apoio de empresas privadas que patrocinam a instituição, estimula o candidato que muitas vezes não tem condições de freqüentar as aulas por falta de dinheiro para pagar o transporte por exemplo.

A candidata aos vestibulares de 2012.1 das Universidades Públicas se emocionou ao falar do CCN. Desacreditada do seu potencial, ela afirmou que precisou recorrer em alguns momentos da sua pequena trajetória no instituto à ajuda de psicólogos e professores, que a aconselharam que não desistisse do processo. Bianca argumentou que era vítima de racismo dentro de sua própria casa por sua irmã, que utilizava termos pejorativos para se referir a ela, como “nega preta”, “cabelo duro”, etc. Bianca disse no final da sua entrevista, ter esquecido tal experiência, que ao contrário do que poderia ser sua irmã lhe ajudou ao se auto-afirmar enquanto mulher negra, pois não era o seu cabelo duro ou a sua cor que diria se ela era menos inteligente. E reafirmou que o CCN foi o que mais aconteceu de importante em sua vida nos últimos tempos, alegando estar contente em ser aluna da Biko e ter exemplos de sucesso dos professores da instituição. Por fim, ela contou que ouviu de uma amiga que já é estudante do Instituto Steve Biko, que estava em sala de aula e ouviu de algumas pessoas que todo mundo que é aluno do Instituto Steve Biko é muito ousado, que não “baixa a cabeça” pra ninguém. Eu e Pedro rimos da fala de Bianca, lembrando e confirmando que a personalidade dos alunos e ex-alunos da instituição é tida como forte e determinada. Em geral, os jovens ingressam na Universidade com uma consciência política muito forte acerca do seu entendimento sobre o que é Ser Negro e deixa implícito em sala de aula a sua afirmação, através de discursos e atitudes.

A partir de 1994, os fundadores resolveram melhor sistematizar as discussões realizadas nas diversas disciplinas sobre consciência étnica e cidadã. A disciplina Cidadania e Consciência Negra (CCN) foi criada pelos fundadores do Instituto Steve Biko, exatamente, com a função de ser um dos instrumentos para alcançar esses objetivos. Posteriormente, esta disciplina se torna o “coração” do instituto, o eixo centralizador do curso, e se torna o grande referencial e diferencial da Biko em relação aos outros cursos pré-vestibulares. (NASCIMENTO, 2007, p.35)

Após a entrevista com os representantes “Bikudos”, eu tinha um documentário pronto, com as falas fundamentais para a sua elaboração, incluindo introdução, desenvolvimento e conclusão. De fato, realizar este documentário me envolveu com experiências pessoais e acadêmicas. A última fala de Bianca sobre a ousadia dos alunos do Instituto Steve Biko, explica a existência deste trabalho, que em todo o seu desenvolvimento revelou uma direção ousada e corajosa, que mesmo sem apoio e recursos financeiros suficientes levou a proposta à frente, considerando que o fazer acadêmico deve partir principalmente da capacidade e do desejo de produzir.

## 7. PÓS-PRODUÇÃO

O papel fundamental do montador, no entanto, acontece na fase da pós-produção. Com a produção completa, som e música são acrescentados nessa fase, assim como os efeitos especiais. Independente do tamanho do filme, o montador deve achar um ritmo. Trabalhando junto com o diretor e, algumas vezes, com o produtor, o montador apresenta as opções, aponta as áreas de confusão e identifica cenas redundantes. O processo de eliminação de cenas é uma procura por clareza e dinamismo. O filme deve falar para os mais variados públicos. Som, efeitos sonoros e música são todos acrescentados nessa fase. (DANCYGER, 2003, p. XXI)

Diferente do que Ken Dancyger fala, este trabalho foi inteiramente desenvolvido por mim, desde a criação do roteiro até a finalização, logo eu exerci o papel do roteirista, produtor, diretor, montador e finalizador. A edição foi feita em parceria com Anderson Soares, que conheci no curso de Produção Cinematográfica, realizado a partir de um apoio do Fundo de Cultura em parceria com a UNEB. O processo de edição foi intercalado entre edições em minha residência e na de Anderson. Houve também a contribuição de Fábio Gonçalves, que fez a extração do áudio, além da contribuição da Produtora N5, que fez a finalização do vídeo. Foi necessária também a edição das imagens, criação de animação para transição de imagens e identidade visual. Foram feitas nove horas de gravação tendo como produto final um média – metragem de 25 minutos, incluindo abertura, introdução, desenvolvimento, conclusão e créditos. O processo de edição levou em consideração, assim como no decorrer do trabalho, a arte de contar histórias e a simplicidade do povo de São Braz. Logo, foram priorizadas as falas dos mais velhos, como sendo os mais relevantes na construção da história da comunidade.

Na edição, percebeu-se uma intensa diferença dos discursos. Era preciso descrever a história da comunidade e organizar as entrevistas, para a partir de então encontrar uma solução para o problema da auto-afirmação de identidade do local. Logo, resolvi separar o documentário em três blocos: “História de São Braz”, “O Quilombo de São Braz” e “A Lei 10.639, uma luz no fim do túnel”. O primeiro justifica o porquê de a comunidade ser quilombola, reunindo falas dos mais velhos com histórias da Ilha de Cajaíba, as noites de samba de roda, as rezas e outros; além de justificar com falas de Paulo Anunciação e Amália o não conhecimento das pessoas sobre o termo quilombo. Utilizando versos de poemas dos próprios moradores, a transição é feita com imagens de pessoas e paisagens de São Braz. O segundo bloco entra na discussão política do termo quilombo, agregando o início da discussão

de São Braz ser uma comunidade remanescente de quilombo, com várias versões diferentes de respostas da pergunta: “Você sabe que São Braz é uma Comunidade Remanescente de Quilombo? O que você já ouviu falar disso? E você, se considera Remanescente de Quilombo?”. Ainda no segundo bloco, explico que o início de toda a discussão sobre a comunidade ser remanescente de quilombo, iniciou-se com o aparecimento da idéia da construção do Eco Resort na Ilha de Cajaíba, a qual dividiu a comunidade em duas opiniões. O segundo bloco é finalizado com a explanação de que o problema está na abordagem da associação sobre o “Ser Quilombola” com a comunidade, que é deficiente. O terceiro e último bloco, está dividido em duas partes, onde mostra a causa do problema, que vai desde a atuação da Associação do Quilombo de São Braz, passando pela falta de qualificação dos professores para a Lei 10.639 e falta de auto – reconhecimento da comunidade até a falta de Políticas Públicas voltadas para esta questão em Santo Amaro. A segunda parte deste último bloco fundamenta-se em minha opinião para o problema do auto-reconhecimento de identidade da comunidade, que pode ser reparado com a aplicação da disciplina CCN – Cidadania e Consciência Negra do Instituto Steve Biko.

Uma característica fundamental na elaboração deste projeto foi minha identificação pessoal com o auto-reconhecimento da identidade negra. Desta forma, no processo de edição, percebeu-se que seria criativo e mais realista, que eu aparecesse e fizesse a narração do filme. Até mesmo pela identificação e familiaridade com o tema.

As entrevistas estão presentes, mas tem seu uso deslocado e não reproduzem a tradicional dicotomia sujeito-objeto: é instrumento para obtenção de informações no processo concreto de pesquisa e busca empreendida pelos realizadores.

[...] Os dois filmes permitem abordar outro aspecto crucial do debate sobre o documentário contemporaneamente: suas fronteiras com a ficção narrativa. Pergunta Bernadet: os realizadores, tal como aparecem em “Um passaporte húngaro” e “33”, seriam pessoas ou personagens? “O crítico aposta num híbrido, “pessoa – personagem”: não se trataria apenas de filmes em primeira pessoa, mas de filmes nos quais a pessoa do realizador se funde numa espécie de “personagem” que protagoniza a busca. Sandra Kogut relatou ao crítico que no processo burocrático de obtenção de passaporte, chegou a repetir alguns interlocutores, filmando perguntas cujas respostas já conhecia de antemão; aqui assim porque precisava daquelas informações no filme, no percurso da personagem (embora já as conhecesse como diretora): “Essas pessoa- personagens obedecem a uma construção dramática. Os personagens têm objetivos ou não exatamente como nos filmes de ficção. Interessante notar que as histórias vividas pelas pessoas – personagens não preexistem à filmagem, mas são produzidas por um agir do documentarista;



os realizadores devem, portanto, viver uma história (sendo dela personagens), para contá-la (como cineastas). (LINS, 2008, p.52)

O momento em que apareço no filme foi um dos mais delicados em todo o processo de filmagem. Ao estar no bar de Pepeu, aguardando a chuva passar no primeiro dia de trabalho, um senhor chamado Agnaldo, tido como Secretário de Finanças da Prefeitura de Santo Amaro, que vai quase que diariamente naquele lugar tomar vinho e comer peixe, indagou a mim e a Jamilson, que até então me acompanhava, do porque escolher os quilombolas como tema. Porém, ele não olhava para mim, que era a diretora e realizadora deste projeto. A todo instante ele conversava com Jamilson, mesmo que este apontasse que o projeto estava sendo desenvolvido por mim e que eu era a pessoa indicada para responder todo e qualquer questionamento sobre o assunto. Este foi um dos casos mais preconceituosos que sofri neste trabalho, como dito anteriormente, o fato de ser mulher garantiu a força deste projeto e a vontade de dar continuidade ao trabalho, para quebrar os paradigmas que foram implantados ao longo dos anos, de que mulher é frágil e para fazer um projeto como este deve estar sempre acompanhada de um homem ou deve ser vulnerável aos machistas. Então, resolvi inserir esta imagem no início do primeiro bloco, justificando o meu porquê de fazer um trabalho sobre este tema, que no decorrer do projeto vai desdobrando em questões que envolvem os meus interesses pessoais: antropologia, questões de raça e militância negra.

Somente na edição foi possível definir o público alvo do filme. Devido o seu teor educativo, histórico e cultural, este trabalho que desde o início foi intitulado enquanto ferramenta de ação da própria comunidade possui um público formado por estudantes do Ensino Fundamental e Médio, integrantes de Grupos de Militância Negra, Professores de História, Associações de Moradores de Comunidades Remanescentes de Quilombo e Secretarias de Cultura e Educação. Este terá um desdobramento maior, a partir da inscrição no Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade na linha Cultura e Identidade da UFBA, contemplando a Lei 10.639 aplicada através da disciplina CCN: Cidadania e Consciência Negra do Instituto Steve Biko. Com isto, pretende-se atuar em escolas, associações de moradores. A pesquisa será aplicada em São Braz, Acupe e Barro Vermelho. Este processo será introduzido com o lançamento do Documentário em parceria com Instituto Steve Biko, Associação do Quilombo de São Braz, Prefeitura Municipal de Santo Amaro e Escolas de São Braz. Pretende-se abrir uma roda de discussão envolvendo artistas de São Braz, Professores, representantes da Associação, Comerciantes e estudantes num espaço da comunidade para

debater sobre a Lei 10.639 e a questão do auto-reconhecimento de identidade negra a partir da exibição do documentário. Após a roda de conversa, propor grupos de discussão sobre propostas de execução da Lei na comunidade de forma mais incisiva e concreta. Oferecer como alternativa a implantação da disciplina CCN na metodologia da escola e da associação, direcionada para adultos e os mais velhos. Por fim, fazer uma roda com participação do Samba Chula de São Braz. Arelada a isto, existe a proposta de criar um Centro de Memória, onde ficarão registrados os relatos dos mais velhos. Esta proposta está aliada à execução da Lei 10.639 com oficinas de CCN. O formato do vídeo – documentário, o possibilita de inscrever-se em festivais de documentários que acontecem anualmente no Brasil. Desta forma, será feito um mapeamento dos festivais em que seja possível a inscrição de um documentário em média – metragem, de 25 minutos.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa em São Braz foi decisivo no que tange a auto afirmação da identidade negra. O foco do trabalho foi definido no decorrer das filmagens, entre uma fala e outra. As nove horas de gravação, tidas como um prêmio final, foram cruciais para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico, tendo objetivos futuros para este trabalho que terá desdobramentos ainda maiores.

Contudo, através desta pesquisa foi possível perceber que a análise do discurso ainda é crucial para o desenvolvimento das políticas públicas. O maior problema da comunidade estudada é a forma de abordagem da Associação do Quilombo, que está embasada nos benefícios que uma Comunidade Remanescente de Quilombo pode ter, com programas do governo, acesso à terra, entre outros. Deixo claro, que não estou julgando os representantes da Associação como se estivessem agindo de má fé ou com interesses próprios. De fato, a representatividade do Quilombo de São Braz é forte, tendo repercussão em outras comunidades e em órgãos do estado. Entretanto, é notável que é preciso uma qualificação destes representantes, para que a comunidade tenha conhecimento do que significa ser Remanescente de Quilombo, valorizando um título concedido pela Fundação Palmares.

Percebeu-se ao longo das pesquisas, que a relação entre escola e os órgãos representativos de São Braz é enfraquecida. O depoimento da Professora de História da África, quando diz “A Secretaria de Educação todo início do ano envia pra gente um conteúdo programático”, resumiu a sua falta de qualificação para entender e difundir a importância que a África e o Quilombo possuem para o entendimento dos alunos das suas origens. A ditadura militar acabou há décadas e há alguns anos, já é possível incrementar as aulas com outros recursos que possibilitem um conhecimento mais amplo sobre determinados assuntos. É preciso compreender que é inadmissível ouvir de um aluno da 6ª série, que a comunidade é considerada Remanescente de Quilombo, pois antigamente ali existia uma tribo de índios. A neutralidade dos professores diante deste agravante é um dos maiores problemas no que tange a afirmação de identidade quilombola e o conhecimento da história local.

Portanto, penso que seria importante a execução da Lei 10.639 como solução para o problema da auto afirmação da identidade. Para a comunidade se assumir enquanto Quilombola precisa saber da sua história e da sua origem. Sendo assim, acredito que o modelo

metodológico do Instituto Steve Biko com a execução da disciplina CCN – Cidadania e Consciência Negra, tendo como pilar a história contada a partir dos mais velhos. Este é um passo posterior à realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, que encerra a primeira etapa de uma pesquisa aprofundada da comunidade e do seu entendimento sobre o Quilombo. Esta primeira etapa foi crucial para saber e compreender a necessidade que a comunidade possui, bem como o seu interesse em saber mais sobre o assunto. Ainda que da parte dos moradores exista certa resistência em participar do processo de capacitação para afirmação de identidade, o projeto está pronto para ser executado, à espera da autorização da própria comunidade para o início das ações.

Finalizo este trabalho, com a certeza de dever cumprido e com a esperança de poder dar prosseguimento às atividades propostas, junto à Universidade.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_Revista Observatório Itaú Cultural/ OIC – n.10 (set./dez.2010). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2010. Acesso em 20/04/2011.

ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

ARAÚJO, Rosângela. SILVA, Givânia. REIS, Alexandro. 1º **Encontro de Remanescentes Quilombolas de Santo Amaro: quilombo, cidadania e liberdade**. Realizado em 10 de junho de 2011 – Pontão de Cultura dos Sambadores e Sambadeiras. Casa do Samba – Santo Amaro – Bahia.

**As ações afirmativas no governo federal**. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/001/00101001.jsp?ttCD\\_CHAVE=2&btOPERACAO=](http://www.palmares.gov.br/001/00101001.jsp?ttCD_CHAVE=2&btOPERACAO=). Acesso em: 02 dez. 2010.

**Auto-reconhecimento! São Braz se assume e garante mais investimento na educação da comunidade**. Disponível em: <http://informeseduc.blogspot.com/2010/04/sao-braz-comunidade-quilombola.html>. Acesso em: 14 jun. 2011

**Comissão Pró Índio de São Paulo**. Disponível em: <http://www.cpisp.org.br/terras>. Acesso em: 02 dez. 2010.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

Disponível em <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>>.

FÉLIX, Paula. FERNANDES, Taiane. **Mais definições em trânsito**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>. Acesso em: 02 out 2010.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Revista USP**. São Paulo (28): 6-13, Dezembro / Fevereiro 95/96

GONÇALVES, José Reginaldo. **Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 264-275.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais e seu Legado Teórico. Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG; Brasília, Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/Escrevendo%20um%20documentario.pdf>.

NUPPAG – Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia – IGCE-UNESP/Rio Claro.

Acesso em 30 abr 2011.

LINS, Consuelo. **Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NASCIMENTO, Guimário dos Anjos. **Cidadania e Consciência Negra no Instituto Steve Biko**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/nossas-lutas/questao-racial/afrobrasileiros-e-suas-lutas/7642-cidadania-e-consciencia-negra-no-instituto-cultural-steve-biko-monografia>. Acesso em: 03 ago 2011

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o Tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000300003&script=sci\\_arttext#back](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000300003&script=sci_arttext#back).

Acesso em: 17 out 2011

**Projeto de Inclusão das Comunidades Remanescentes de Quilombo**. Disponível em:

<http://www.car.ba.gov.br/noticias.aps?id=441>. Acesso em: 18 nov 2010

**Resort ameaça comunidade quilombola**. Disponível em:

<http://www.ptsalvador.org/modules/bancadamunicipal/item.php?itemid=38>. Acesso em: 14 jun 2011

RUBIM, Antonio Albino Canelas et al. **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: CULT / EDUFBA, 2007.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Espetáculo, Cultura e Idade Mídia**. Disponível em: [http://www.alaic.net/VII\\_congresso/gt/gt\\_17/gt17%20p13.html](http://www.alaic.net/VII_congresso/gt/gt_17/gt17%20p13.html). Acesso em: 02 nov 2011.

SANTOS, Leidiane. **A história e cultura afro brasileira e a lei 10.639/03: desmitificando a inferioridade racial brasileira**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/12161/1/A-Historia-e-Cultura-Afro-Brasileira-e-a-Lei-1063963/pagina1.html#ixzz1YkWdX1Gy>. Acesso em: 03 ago 2011

SEVERINO, José Roberto et al. **Quilombo do Morro do Boi (Balneário Camboriú – SC): relação histórica entre a comunidade e o meio ambiente**. Revista eletrônica do Grupo de Pesquisa identidade! da Escola Superior de Teologia – EST. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/identidade>. Acesso em: 15 abr 2011.

SILVA, M. P. da. **Novas diretrizes curriculares para o estudo da História e da Cultura afro-brasileira e africana: a Lei 10.639/03**. São Paulo: EccoS, 2007

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 66 de 13 de julho de 2010**. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_13.07.2010/art\\_216\\_.shtm](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/art_216_.shtm). Acesso em: 10 out 2010.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2007.

## 10. APÊNDICE

### Quadro de entrevistados

	Nome	Apelido	Profissão	Idade	Local de Entrevista
01-	Altair Souza		Estudante da 5ª série do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz
02-	Amália Patrícia		Coordenadora da Comissão de Gênero e Raça de Santo Amaro		Santo Amaro
03-	Ana Lurdes Saturno		Marisqueira		São Braz
04-	Ana Maria	Tia Ana	Dona de Casa		Rodoviária de Santo Amaro
05-	Andreia Conceição		Estudante da 8ª série do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz
06-	Antônio Paulo Anunciação		Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Santo Amaro		Santo Amaro
07-	Bianca Souza		Aluna do Pré Vestibular do Instituto Steve Biko		Salvador
08-	Carla Bastos		Secretária da Associação do Quilombo de São		São Braz



			Braz		
09-	Carlos Augusto	Zeca do Sobrado	Aposentado		São Braz
10-	Claudia		Tesoureria da Associação do Quilombo de São Braz/ Marisqueira		São Braz
11-	Consuelo Silva		Pedagoga/ Coordenação da Diversidade Étnica da Secretaria de Educação de Santo Amaro		Santo Amaro
12-	Doralice Almeida	Dona Dora	Aposentada	73 anos	São Braz
13-	Edson Oliveira	Seu Helinho	Aposentado	77 anos	São Braz
14-	Eliana Saturno		Marisqueira		São Braz
15-	Frida Velame		Professora de Artes do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz
16-	João Saturno	João do Boi	Cantor do Samba Chula de São Braz/ Funcionário da Prefeitura	63 anos	São Braz
17-	Lívia Oliveira	Vinha	Estudante de Pedagogia/ Professora/ Marisqueira		São Braz
18-	Maria Eunice Santos	Dona Nicinha	Doméstica / Sambadeira	63 anos	São Braz
19-	Mauricio Régis		Estudante da 6ª série do Colégio		São Braz

			Ana Judite Araújo Melo		
20-	Messias Pereira		Pescador/ Mestre de Capoeira/ Aposentado	84 anos	São Braz
21-	Nildes Oliveira		Pescadora/ Coordenadora Administrativa da Associação do Quilombo de São Braz		São Braz
22-	Olívio Oliveira	Pety	Agente Comunitário	32 anos	São Braz
23-	Pedro Roberto		Pedagogo/ Coordenador do Pré Vestibular do Instituto Steve Biko		Salvador
24-	Rita de Cássia		Professora de História da África do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz
25-	Valdeci Oliveira		Pescador	33 anos	São Braz
26-	William		Diretor do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz
27-	William Matos		Estudante da 7ª série do Colégio Ana Judite Araújo Melo		São Braz